



ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO E TRABALHO

*Proposta Orientadora
das Ações*



Brasília, DF – julho/2001

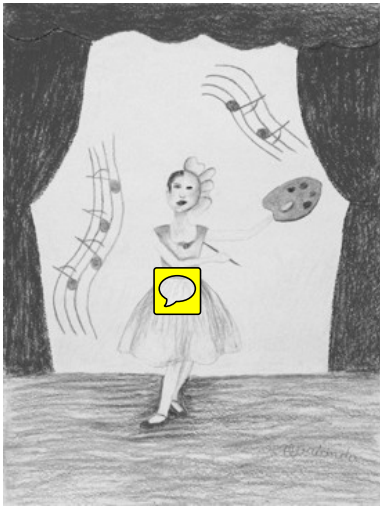


Ilustração de capa: CLARICINDA MACIEL
APAE: BATATAIS, SP

"Gosto da vida porque ela é saúde", afirma Claricinda Maciel, aluna da escola da APAE de Batatais, SP.

Na APAE, Claricinda participa das atividades e busca convivência social, troca de experiências e companhia.

Claricinda aprecia muito a música sertaneja e nas horas de lazer gosta de fazer tricô e crochê, além de desenhar e ir à praia.

Claricinda participou com sua arte do Concurso de Cartazes/2000 e seu talento foi reconhecido.

Parabéns, Claricinda, continue feliz e com muita saúde.

Programação visual e diagramação da Coleção Educação e Ação
Samuel Tabosa de Castro

A686 Arte, cultura, educação e trabalho / coordenação geral Ivanilde Maria Tibola.
— Brasília : Federação Nacional das APAEs, 2001.
64 p.

1. Educação especial. I. Tibola, Ivanilde Maria. II. Federação Nacional das APAEs.

CDU: 376

DEDICATÓRIA

Se nos permitirmos ser movidos pela determinação de uma grande força em nosso interior, com certeza iremos transformar nossos limites e ultrapassar tudo o que vincula a existência do homem em seu mundo.

Se compararmos o corpo a uma obra de arte, na medida do possível vamos ver a presença e contato na expressão artística.

Dedicamos esta proposta a todas as Pessoas Portadoras de Deficiência, pois acreditamos nas capacidades e potencialidades de cada um. Mas principalmente fazemos referência à graça, à beleza, ao profissionalismo dos educandos e artistas que ultrapassam barreiras e limites, vencendo desafios e encontrando o verdadeiro sentido da vida.

Da arte que é vida.

Da vida que vocês nos ensinam a viver acreditando ser uma arte.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Nosso Deus, pelo dom da vida.

A todos os profissionais pela participação e contribuições na produção deste documento.

“Somos o que somos
somos o que sentimos
somos o que pensamos
somos o que desejamos
Somos o que fazemos, mediados por gestos e movimentos
Somos nosso corpo
Carregamos em nosso corpo as marcas de nossos sentimentos,
Crises, conquistas, impasses,
NOSSA HISTÓRIA”

M. Freire



SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
1. A IMPORTÂNCIA DA ARTE E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO	13
2. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA.....	18
3. A PROPOSTA: ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO E TRABALHO	19
4. O ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS DAS APAES: ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO	20
5. O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL – FASE I	22
1) Música	22
2) Artes Visuais	23
3) Teatro	23
4) Dança	24
5) Avaliação do Ensino da Arte na Educação Infantil	25
6. O ENSINO DE ARTES NO ENSINO FUNDAMENTAL E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	26
6.1. Escolarização Inicial – Fase II – dos 7 aos 14 anos	27
1) Artes Visuais	27
1.1) Expressão e Comunicação na Prática dos Alunos em Artes Visuais	27
1.2) As Artes Visuais como Objeto de Apreciação Significativa	28
1.3) As Artes Visuais como Produto Cultural e Histórico	28
2) Dança	29
2.1) A Dança na Expressão e na Comunicação Humana	29
2.2) A Dança como Manifestação Coletiva	30
2.3) A Dança como Produto Cultural e Apreciação Estética	30
3) Música	30
3.1) Comunicação e Expressão em Música: Interpretação, Improvisação e Composição	31



3.2)	Apreciação significativa em Música: Escuta, Envolvimento e Compreensão da Linguagem Musical	31
3.3)	A Música como Produto Cultural e Histórico: Música e Sons do Mundo	32
4)	Teatro	32
4.1)	O Teatro como Expressão e Comunicação	33
4.2)	O Teatro como Produção Coletiva	33
4.3)	O Teatro como Produto Cultural e Apreciação Estética	33
5)	Questões relativas à Avaliação em Arte no Ensino Fundamental	34
5.1)	Avaliação de Artes Visuais	35
5.2)	Avaliação de Dança	35
5.3)	Avaliação de Música	35
5.4)	Avaliação de Teatro	36
6.2.	Escolarização e Profissionalização – Fase III – a partir dos 15 anos	36
1)	Artes Visuais	36
1.1)	Produção do Aluno em Artes Visuais	37
1.2)	Apreciação Significativa em Artes Visuais	38
1.3)	As Artes Visuais como Produção Cultural e Histórica	38
2)	Dança	40
2.1)	Dançar	40
2.2)	Apreciar e Dançar	41
2.3)	Dimensões Histórico-sociais e Culturais da Dança e seus Aspectos Estéticos	41
3)	Música	42
3.1)	Expressão e Comunicação em Música: Improvisação, Composição e Interpretação	43
3.2)	Apreciação Significativa em Música: Escuta, Envolvimento, e Compreensão da Linguagem Musical	45
3.3)	Compreensão da Música como Produto Cultural e Histórico	46
4)	Teatro	47
4.1)	Teatro como Comunicação e Produção Coletiva	48
4.2)	Teatro como Apreciação	48
4.3)	Teatro como Produto Histórico-Cultural	49
4.4)	Avaliação	49
7.	A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR.....	50
7.1)	Estudo Sistematizado – Teoria e Prática da Arte e do Ensino da Arte	52
7.2)	Sensibilização e Vivência dos Professores em Linguagens Artísticas	53
8.	PROJETOS ESPECIAIS: ARTE, CULTURA E TRABALHO	54
8.1)	Aprofundamento das Linguagens Específicas	57
8.2)	Espaço de Vivência em Arte pela Comunidade Escola e Sociedade em Geral	58
8.3)	Arte para Comunidade	58
8.4)	Arte e Trabalho	58
	CONCLUSÃO	60
	BIBLIOGRAFIA	61
	A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA	62



APRESENTAÇÃO

Quem acompanha os grandes encontros promovidos pelas APAEs, em âmbito estadual ou nacional, tem podido desfrutar de inesquecíveis momentos de encanto e beleza, nas apresentações dos vários grupos que participam dos Festivais de Arte.

A valorização da Arte no cotidiano de nossas escolas especializadas tem possibilitado a revelação de talentos inimagináveis. Das singelas aulas de Educação Artística alçamos vôos mais altos e os resultados foram surpreendentes.

A partir dessa constatação, e em cumprimento aos dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Federação Nacional das APAEs, contando com a valiosa participação de profissionais, consultores e técnicos da área, elaborou o presente documento, que propõe a construção de uma proposta pedagógica, integrando as áreas de Arte, Educação Física e Educação Profissional, como suporte para a oferta de um atendimento educacional de qualidade.

Considerando os avanços já alcançados, temos a certeza de que os conteúdos apresentados nesta proposta servirão de subsídios para o aperfeiçoamento da prática pedagógica em cada escola de APAE neste imenso Brasil. Educar é nossa meta; educar de forma lúdica, liberando emoções, despertando talentos, enchendo de sons, luzes e imagens o mundo do portador de deficiência é mais do que a realização de uma missão profissional – é a oportunidade de se sentir criador, sabendo que suas criaturas estão felizes, porque também estão sabendo e podendo criar.

Flávio Arns

Presidente

Gestão 1999/2001



INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 80 aconteceram muitas discussões a respeito do ensino da Arte, promovidas por profissionais da área preocupados com a qualidade do trabalho desenvolvido com os alunos da educação básica, assim como a importância da Arte na sua formação. Mas foi a partir da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério da Educação, que as diversas redes de ensino passaram a rever suas concepções de ensino e redimensionar de modo mais efetivo seus Projetos Pedagógicos. A área de Arte, assegurada na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 de dezembro de 1996, cuja proposta está contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica, bem como no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, é parte integrante dessas transformações, seja na sua concepção enquanto área de conhecimento específico, seja nos modos de sua inserção no contexto mais amplo de formação escolar e no diálogo com as outras áreas de conhecimento.

É nesse sentido que coordenadores e professores de Arte que atuam junto às APAEs de todo o Brasil aprofundaram discussões a respeito do papel da Arte na formação dos educandos que fazem parte da Comunidade Apaiana, e dos caminhos que podem ser tomados nesse ensino, dando prosseguimento à significativa história já construída e buscando ainda avançar cada vez mais, em sintonia com as discussões mais atuais no ensino de Arte e no papel da Arte na formação de alunos portadores de deficiência.

Tais discussões resultaram no presente documento, cujo objetivo é fornecer um referencial comum para a Federação Nacional das APAEs, a partir do qual poderão ser propostos os projetos de trabalho em cada unidade Apaiana, levando-se em consideração a especificidade de sua realidade e contexto sociocultural.

Este documento teve como base os pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte para os ensinos fundamental e médio, as orientações em Arte do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, e toda a experiência construída ao longo de anos de trabalho desenvolvido pelas APAEs das várias regiões, e está estruturado da seguinte forma:

- Os tópicos, do primeiro ao quarto, estão voltados para a fundamentação do ensino de Arte de acordo com as discussões mais atuais, bem como da inserção desse ensino nas escolas das APAEs.
- O quinto tópico apresenta o universo de conhecimentos em Arte, nas diversas linguagens artísticas, ao qual deve ser oportunizado acesso ao aluno portador de deficiência na Educação Infantil.



- O sexto tópico trata dos conhecimentos em Arte a serem construídos ao longo de processo de Escolarização Inicial (Fase I) e da Escolarização e Profissionalização (Fase II).
- O sétimo tópico está voltado para a formação continuada dos professores das escolas das APAEs.
- O oitavo tópico trata da Arte enquanto campo de expressão, exercício de aprofundamento de linguagens artísticas, com vistas, inclusive, à profissionalização.

É objetivo dos que participaram, de modo direto ou indireto, deste trabalho, que o presente documento possa significar uma contribuição efetiva para todos quantos venham, ao longo dos anos, dedicando seus esforços e entusiasmo no ensino e no exercício da Arte, em suas várias linguagens, para a formação de pessoas mais integradas, mais livres, criativas e atuantes, no exercício pleno de sua cidadania.



1. A IMPORTÂNCIA DA ARTE E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO

A experiência estética, os fazeres artísticos têm feito parte da construção cotidiana de vida desde os primeiros passos dados pelo homem na construção de cultura, quando começou a cantar, dançar, deixar marcas gráficas, nos desenhos e pinturas nas cavernas e outros espaços.

Por essa razão, podemos afirmar que a importância da Arte na formação de crianças, jovens e adultos, na educação geral e escolar, está ligada à “função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização” (Ferraz & Fusari, 1993:16). A importância do exercício da expressão artística não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela promove, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das pessoas: a Arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive.

A Arte e a Educação têm estado indiscutivelmente ligadas ao longo da história da humanidade, de muitas maneiras e segundo diferentes concepções, de acordo com o contexto sociocultural. No Brasil, podemos afirmar que o primeiro sistema de ensino organizado, o jesuítico, teve nas artes um de seus pilares: a Música e o Teatro possibilitaram a aproximação dos padres jesuítas com os grupos indígenas que pretendiam catequizar e alfabetizar. Assim, ao longo de aproximadamente dois séculos, organizaram-se corais, grupos que executavam música instrumental, produção de instrumentos, montagem de autos religiosos e outros, além de uma vasta produção em arquitetura, escultura, objetos sacros, cerâmica, etc. Após a expulsão da Ordem Jesuítica dos territórios portugueses, no Brasil, o evento marcante quanto à produção artística e o ensino de Arte foi a chegada da Missão Francesa, no início do séc. XIX, por ocasião da mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. Os artistas que compunham a missão eram franceses, com formação neoclássica. Um de seus feitos no Brasil foi a fundação da primeira escola de Artes brasileira, a Academia Imperial de Belas Artes. A importância dessa escola na história do ensino de Artes no Brasil está no fato de ela ter implementado metodologias de ensino do Desenho que influenciaram as concepções de ensino na Escola Normal, influências que perduraram desde então, podendo, ainda hoje, serem observadas nas práticas pedagógicas em muitas salas de aula. Um exemplo é o uso do desenho reproduzido (mimeografado, fotocopiado, escaneado, etc.) como recurso visual que os alunos podem colorir, recortar, colar, etc., quase sempre a serviço do ensino de conteúdos de outras áreas que não as Artes.



O ensino do Desenho, um dos segmentos do ensino de Arte, desde o séc. XIX, nas escolas de Educação Primária, Ginásial ou Secundária, esteve condicionado a diferentes correntes de pensamento pedagógico. Mas em todas elas, o princípio da cópia, da repetição, da imitação de modelos orientava as estratégias metodológicas que prevaleciam. Ou seja, partia-se do princípio que aprender era o resultado da imitação, e o aluno estaria apto na matéria ensinada quando repetisse o modelo oferecido pelo professor. Nessa abordagem metodológica, ressalte-se, não ocorre o exercício da criação, da auto-expressão, tampouco a construção de conhecimento em Arte. O resultado não passa do mero treinamento para que o aluno repita formas visuais de acordo com um certo padrão estabelecido.

No início do séc. XX, com o advento das reformas da Educação no Brasil orientadas pelo ideário da Escola Nova, o ensino de Arte ganhou novos espaços de experimentação. Ao final da década de 40, o professor Augusto Rodrigues, juntamente com outros educadores, filósofos, poetas, psicólogos, artistas, criaram as Escolinhas de Arte, primeiramente no Rio de Janeiro, e depois em vários lugares no Brasil. Nas Escolinhas, o objetivo era que fosse assegurado à criança o direito à liberdade de expressão. O aluno era visto enquanto ser criativo, a quem se devia oferecer as condições para que se expressasse por meio das linguagens artísticas, “supondo-se que, ao ‘aprender fazendo’, saberiam fazê-lo, também, cooperativamente, na sociedade” (Ferraz & Fusari, 1993:32).

No entanto, é importante observar que todo o Movimento das Escolinhas de Arte aconteceu fora do ambiente regular de ensino, das escolas formais, nas quais o ensino do Desenho, da Música, das Artes Aplicadas permaneceu dentro dos moldes tradicionais, herdados desde o século anterior (Martins, 1997).

A Lei de Diretrizes de Bases nº 5.692, de 1971, tornou obrigatório o ensino da Educação Artística na Educação Básica, ou seja, de acordo com a nomenclatura da própria lei, nos primeiro e segundo graus de ensino. As diversas linguagens que, anteriormente, eram referidas nos currículos com os nomes de acordo com a própria atividade desenvolvida (Desenho, Canto Orfeônico, Artes Manuais, entre outros), ficaram, a partir de então, reunidas numa única disciplina, denominada Educação Artística, que envolvia, ao mesmo tempo, as Artes Plásticas, as Artes Cênicas e a Música.

Com a implantação da Educação Artística nas escolas, houve um enfraquecimento do Movimento das Escolinhas de Arte. Ao menos do ponto do discurso oficial, pretendia-se promover um redimensionamento desse ensino no ambiente escolar, com o suporte dos cursos de formação de professores licenciados em Educação Artística em nível superior. Inicialmente, esses cursos eram de licenciatura curta, com duração de três anos, que preparavam os professores, de modo aligeirado, para ensinar as três linguagens. Os cursos de licenciatura plena, com habilitação por linguagem específica, foram implantados posteriormente, e apenas na década de 80 foram extintos os cursos de licenciatura curta. A formação dos professores, na prática, preparava-os de modo precário para o trabalho com Artes.

Ao longo da década de 70, de um modo geral, nas escolas regulares, o ensino da Educação Artística foi organizado em torno de fazeres que tinham um fim



em si mesmos: diversas técnicas eram ensinadas para os alunos, sem que houvesse uma preocupação com a aprendizagem sobre Arte propriamente dita. Por exemplo, trabalhava-se com colagem de barbante sobre linhas traçadas previamente, recorte e colagem usando-se diversos materiais, desenhos para colorir, ensaiava-se algumas músicas ou cenas de teatro para apresentação em datas comemorativas, entre outros, sem a preocupação de se estabelecer uma conexão entre as diferentes atividades, na direção de se construir aprendizagens de modo efetivo. Alguns documentos elaborados nesse período são a demonstração de como o conteúdo em Educação Artística foi interpretado como sendo uma lista com muitas atividades em que se realizariam pequenas produções.

Os resultados eram insatisfatórios. Alguns educadores, preocupados com as questões do ensino da Arte, deram início a uma ampla discussão que, na década de 80, deflagrou a criação da Federação de Arte Educadores do Brasil/FAEB, congregando as associações regionais de Arte Educadores. Dessa mobilização resultou o redimensionamento da concepção da Arte no contexto educacional formal, o que está contemplado, em certa medida, nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (Brasil, 1998b), nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (Brasil, 1997, Brasil, 1998a), para o ensino fundamental, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 1999).

Nesses documentos, a Arte é apontada como área de conhecimento (os documentos referem-se ao ensino de Arte, e não mais à Educação Artística), e as diferentes linguagens artísticas são respeitadas quanto às especificidades inerentes a cada uma no que tange aos conhecimentos a serem construídos. Assim, estão apresentadas as áreas de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. No caso do Ensino Médio, acrescenta-se o campo das Artes Audiovisuais, que envolvem os recursos tecnológicos contemporâneos à disposição das produções artísticas (vídeo, informática, entre outros).

O conhecimento a ser construído em cada uma dessas linguagens está organizado em torno de três eixos: a produção artística, a apreciação artística e a contextualização histórico-cultural dos diferentes fazeres em Arte, que são explicados assim:

“**Produzir** refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e do desenvolvimento de seu percurso de criação. O ato de produzir realiza-se por meio da experimentação e uso das linguagens artísticas.

“**Apreciar** refere-se ao âmbito da recepção, incluindo percepção, decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado. A ação de apreciar abrange a produção artística do aluno e a de seus colegas, a produção histórico-social em sua diversidade, a identificação de qualidades estéticas e significados artísticos no cotidiano, nas mídias, na indústria cultural, nas práticas populares, no meio ambiente.



“Contextualizar é situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades”.

(Brasil, 1998:50)

Desse modo, entende-se que cumpre à escola assegurar aos seus alunos a efetiva construção de conhecimento em Arte, o que significa mais do que a mera reprodução de formas, ou execução de técnicas muitas vezes destituídas de qualquer dimensão estética efetiva. Significa oportunizar aos alunos o domínio dos elementos das diversas linguagens, de modo que possam expressar-se com autonomia por meio delas, e, ao mesmo tempo, possam apreciar diferentes fazeres artísticos, reconhecendo seu valor estético e compreendendo suas relações com o tempo, a história e o ambiente em que foram produzidos.

No Movimento Apaeano, as Artes, como não poderia deixar de ser, sempre tiveram destaque. No Manual de Arte Educação (1999), é relatado que já na primeira APAE, criada em 1954, no Rio de Janeiro, ao que indicam as informações, eram desenvolvidas atividades artísticas tais como dança, coral, banda rítmica e artes plásticas, voltadas, sobretudo, para as comemorações cívicas ou sociais.

A partir da década de 70, algumas APAEs iniciaram trabalho sistematizado na área da Educação Artística, envolvendo a dança, a música e as artes plásticas. Inicialmente, esse trabalho era realizado por profissionais sem formação na área do ensino de Arte, mas por professores e outros profissionais interessados na área, que perceberam, na relação cotidiana com os educandos portadores de deficiência, a necessidade de assegurar a elas oportunidades para que pudessem expressar-se, reconhecendo a arte como um caminho para o desenvolvimento global do indivíduo. Note-se que a ênfase inicial estava no trabalho como apoio psicopedagógico e não na arte como possibilidade de exercício de linguagem e construção de conhecimento.

Ao longo dos trabalhos desenvolvidos, com ênfase no processo de vivência e construção, tem-se chegado a desenvolver produtos finais de grande valor estético, que podem ser apreciados nos festivais regionais, estaduais e nacionais. Em muitos casos, tem-se encontrado no trabalho de produção em arte uma alternativa de profissionalização e inserção social (Saldanha et al., 1999).

Os festivais regionais, estaduais e nacionais constituem, atualmente, um espaço privilegiado de apresentação do trabalho em Arte, nas diversas linguagens, desenvolvidos pelas APAEs em todo o Brasil. O primeiro Festival Nacional Nossa Arte foi organizado em 1995, e a iniciativa que levou à sua formulação foram os festivais estaduais organizados em São Paulo, desde 1991.

Os festivais são grande fonte de motivação para o trabalho em Arte nas APAEs, tanto para professores quanto para os alunos. No entanto, reconhece-se que se faz necessário discernir entre o trabalho de ensino de Arte no âmbito da escolarização, com vistas à construção de conhecimento em Arte como parte da formação global do aluno, que demanda a ênfase no processo, envolvendo a



produção, a apreciação e a contextualização das produções artísticas, do trabalho voltado para a realização de mostras, que exige um foco maior na produção, com vistas à qualidade dos resultados. Cada um desses trabalhos é de fundamental importância na formação dos nossos alunos, e cada qual supõe uma abordagem e estrutura de encaminhamentos diferenciados.

Nesse sentido, o presente documento pretende dimensionar os princípios norteadores do trabalho de cada uma dessas linhas.



2. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

A LDB nº 9.394/96 (Brasil, 1996) assegura a obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica, em todos os níveis, bem como, em vários artigos, aponta o direito de todo cidadão ao exercício das manifestações de cunho artístico-cultural. Do mesmo modo, trata do direito à formação escolar plena de todo cidadão, respeitadas e atendidas as suas necessidades no processo de construção de aprendizagens, de conhecimento, de interação com seu meio natural e social, de estabelecimento das inter-relações por meio das manifestações artístico-culturais. Assim, a todas as pessoas deve ser assegurado o direito à Educação de qualidade e, nela, a construção de conhecimento em Arte, independentemente de gênero, classe social, raça, características físicas cognitivas e afetivas individuais.

Nesse sentido, a Educação Especial não deve ser pensada e desenvolvida à parte do contexto educacional, tendo como referência apenas o cap. V da LDB. A Educação Especial é uma modalidade escolar que deve estar inserida nos níveis de ensino para estar constituída no sistema de ensino como um todo.

As escolas especializadas das APAEs, voltadas para o atendimento aos educandos portadores de deficiência, não devem perder de vista que todos os alunos têm o direito de acesso ao conhecimento escolar de qualidade, do qual faz parte o conhecimento em Arte. Por essa razão, ao se pensar os parâmetros para o trabalho pedagógico, voltado para a formação escolar dos alunos que freqüentam as escolas das APAEs de todo o Brasil, depara-se com a necessidade de institucionalizar o trabalho em Arte que já vem sendo desenvolvido, com excelentes resultados, de modo que venha efetivamente integrar as Artes ao Projeto Pedagógico das escolas das APAEs, com vistas à sistematização das ações voltadas para a escolarização propriamente dita, para o aprofundamento de potencialidades artísticas e para a possibilidade de profissionalização na área.

A APAE Educadora deve congrega o ensino de Arte, com base na LDB, Lei nº 9.394/96, dentro de uma linha de ação comum, a ser adaptada para as características de cada região, e ainda de acordo com as peculiaridades e possibilidades de seu alunado.



4. O ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS DAS APAES: ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO

É preciso não perder de vista que o papel primeiro da escola é formar seus alunos para o exercício pleno da cidadania, na relação responsável e ética com o seu contexto social e seu tempo histórico, respeitadas a sua subjetividade, individualidade e marcas pessoais.

O conceito de cidadania está vinculado à idéia de pertencimento a um estado ou nação, o que significa que não existimos de modo isolado, mas participantes de um complexo de co-relações que supõem direitos e deveres sociais, compromisso com o projeto de sociedade, consciência de nossa condição como membros de um coletivo.

Estreitamente ligado ao conceito de cidadania está o de alteridade, que consiste no princípio do reconhecimento do outro, desde si, e em sua constituição de ser humano/pessoa. Ou seja, pressupõe o respeito ao outro que, a despeito de possíveis diferenças, permaneça reconhecível em sua natureza própria, humana, tendo assegurada a sua condição de cidadania.

Uma escola que perceba todos os membros de sua comunidade escolar nessa perspectiva, em seu projeto, estará voltada para abordar tais diferenças, não criando guetos ou espaços de tratamento diferenciado, mas preparando estratégias de desenvolvimento de trabalho de modo a dar abrigo às diferenças. Nesse processo, é preciso não perder de vista que deve ser assegurado ao aluno portador de deficiência o direito ao que é central na ação pedagógica da escola: a apropriação do conhecimento sistematizado e o contato com a produção cultural nas linguagens visual, musical, teatral e da dança por meio de um ensino de qualidade.

Para tal, conforme toda a legislação vigente e o proposto no documento *APAE Educadora: A Escola que Buscamos – uma proposta orientadora das ações educacionais*, “para que se cumpra verdadeiramente o papel pedagógico as escolas das APAEs deverão fundamentar-se na estrutura da Educação Nacional”. No que diz respeito à área de Arte ao longo de toda a Educação Básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e os objetivos do Ensino Médio, os documentos norteadores desse ensino deverão ser o Referencial Curricular para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

O trabalho com os alunos portadores de deficiência, os conhecimentos a serem construídos não devem ser minimizados, ou desconsiderados. Ao contrário, o direito ao acesso e à construção desses conhecimentos está assegurado a todos os cidadãos na legislação. Cabe à escola equacionar as estratégias que atendam às



diferentes necessidades, entre elas o ritmo e o tempo de construção de aprendizagens e as adequações necessárias de infra-estrutura e de estratégias pedagógicas. No campo das Artes esta orientação é absolutamente pertinente. Recomenda-se, também, que o professor de Arte atue em parceria com os profissionais de outras áreas como da Fisioterapia, Psicologia, Educação Física, entre outros, com o objetivo de criar o suporte necessário para o desenvolvimento pleno do aluno.

Os conteúdos em Arte na escola da APAEs deverão ser construídos pelos alunos ao longo da Educação Básica e estão organizados nos seguintes níveis: Educação Infantil (Fase I) e Ensino Fundamental por meio de dois ciclos: Escolarização Inicial (Fase II) e Escolarização e Profissionalização (Fase III), que compreende três programas: Escolarização de Jovens e Adultos, Formação Profissional e Projetos Pedagógicos Específicos.

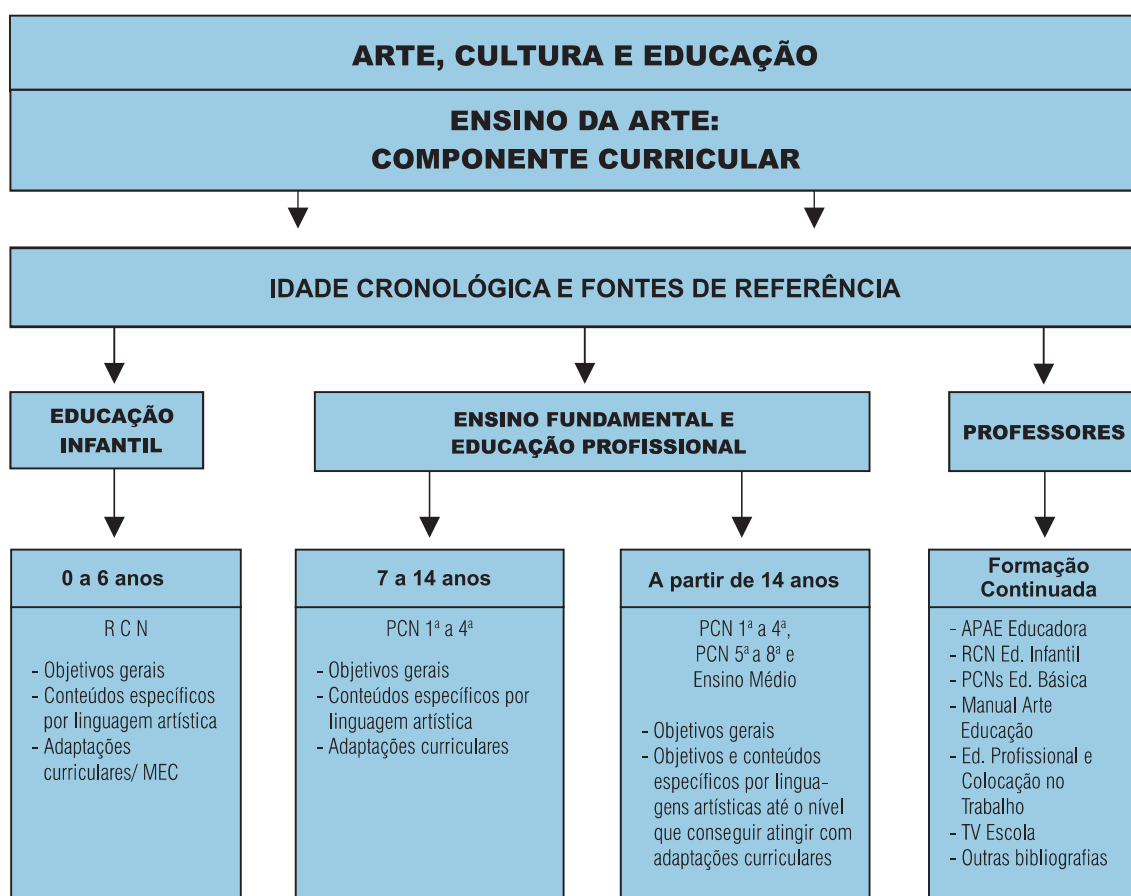


Figura 2 – Estrutura da Proposta Ensino da Arte/ Componente Curricular APAE Educadora.



5. O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL – FASE I

Nas escolas das APAEs, a Educação Infantil (Fase I) é especializada, e cada grupo de alunos é coordenado por um professor regente. O ensino de Arte será desenvolvido pelo trabalho conjunto do professor de Arte com o professor regente da turma.

As Artes, nessa faixa etária, devem ser abordadas em sua dimensão lúdica, do prazer intrínseco às descobertas que a criança possa realizar a respeito de si mesma, dos outros, e do mundo natural, cultural e social no qual ela vive. A experimentação, a manipulação de instrumentos e o brincar devem constituir a tônica das atividades propostas nas diversas linguagens artísticas.

A produção e a apreciação devem ser os eixos das ações de construção de aprendizagens, ao longo do trabalho nas várias linguagens artísticas. O caráter lúdico, nos jogos, na magia das descobertas, deve ser a tônica das atividades propostas para as crianças nessa faixa etária.

Do mesmo modo, as questões relativas à organização do tempo e do espaço, por parte dos alunos, devem estar presentes, desde o início, ainda que elementar, como modo de estruturação das aprendizagens.

É importante, nesse período, que a criança interaja com materiais, instrumentos e procedimentos diversos nas várias linguagens artísticas, experimentando de modo individual e coletivo, articulando a percepção, a imaginação, a leitura e a produção nessas diferentes linguagens e construindo aprendizagens significativas a partir de suas vivências.

As orientações para o ensino da Música e das Artes Visuais na Educação Infantil tiveram como base as orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, volume 3, Conhecimento de Mundo (Brasil, 1998b).

5) Música

A produção musical das crianças até os três anos é a exploração do som e suas qualidades e não a criação de temas ou melodias a serem repetidos com precisão. A expressão musical das crianças nessa fase é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo e afetivo e pela exploração sensório-motora dos materiais sonoros.

A partir dos três anos, aproximadamente, os jogos com movimento representam possibilidade efetiva para o desenvolvimento motor e rítmico,



sintonizados com a música, uma vez que o modo de expressão nessa fase integra o gesto, o som e o movimento.

Assim, sugere-se que o ensino da Música, na Educação Infantil, seja organizado de forma a que as crianças, gradativamente e de acordo com sua idade e desenvolvimento, desenvolvam as seguintes capacidades:

- Ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- Brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais;
- Explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo;
- Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

Deve-se sempre levar em consideração que a Música, na Educação Infantil, mantém forte ligação com o brincar, tanto que a cultura popular é rica de exemplos de brincadeiras infantis em que o cantar é a principal atividade. Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem os acalantos, as parlendas, as rondas, as adivinhas, os contos, os romances, entre outros exemplos dos quais o professor pode lançar mão para o seu trabalho de musicalização.

2) Artes Visuais

Por sua vez, o ensino das Artes Visuais, na Educação Infantil, deve ser organizado de forma a que as crianças, gradativamente e de acordo com sua idade e desenvolvimento, desenvolvam as seguintes capacidades:

- Ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;
- Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação;
- Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento de mundo e da cultura;
- Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

3) Teatro*

Considerando que a base do teatro é o jogo dramático, e que o brincar da criança é, em si mesmo, uma atividade dramática, na Educação Infantil, o ensino do Teatro deve levar em consideração os jogos de faz-de-conta das crianças, e sua capacidade de jogar dramaticamente, de acordo com sua idade e desenvolvimento.



Acrescente-se que na primeira infância, desde o nascimento até os sete anos de idade aproximadamente, a criança não apresenta habilidades para encenar uma peça de teatro. Nessas etapas é importante estimular a criança com teatro de fantoches ou bonecos os quais têm inúmeras variações (bonecos de luva, teatro de sombras chinesas, fantoche de varetas, marionete de teclado, marionete puxada por fios, etc.). Só mais tarde, dos 7 aos 12 anos, cabem as peças escritas e decoradas, pois considera-se que a criança já domina o sentido de “fazer teatro”.

Assim, no trabalho em teatro a ser desenvolvido junto a crianças de até três anos, deve-se ter em vista que as mesmas desenvolvam as seguintes capacidades:

- Fazer uso de sua estrutura sensório-motora de modo cada vez mais intencional, para expressar-se nos jogos dramáticos;
- Conhecer, dominar o próprio corpo e expressar-se através dele;
- Expressar-se com prazer por meio da dramatização;
- Expressar-se, experimentando o espaço ao seu redor, suas possibilidades de movimento corporal, de expressão vocal, de interação com objetos e com os colegas.

Dando prosseguimento, o trabalho em teatro a ser desenvolvido junto a crianças de três a sete a anos de idade, deverá ter por objetivos que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Organizar-se no espaço total e parcial, explorando os diferentes planos e em diversos andamentos, no jogo dramático;
- Expressar idéias e sentimentos por meio de movimentos corporais, de gestos e do uso da voz;
- Jogar a partir de histórias contadas ou inventadas, de personagens conhecidos, observados ou construídos, sempre de modo lúdico e prazeroso, utilizando recursos tais como brinquedotecas e outros;
- Assistir a espetáculos de teatro voltados para o público infantil;

4) Dança*

A dança constitui um procedimento original da expressão humana, e a sua inserção na Educação Infantil visa dar início à formação da consciência corporal, respeitando-se as possibilidades e limitações de cada criança.

Lembre-se que o trabalho com dança não se restringe aos movimentos corporais amplos, mas vale-se também dos movimentos controlados de pequenos segmentos corporais, tais como dedos, mãos, cabeça, braços, etc. Ao longo da construção de aprendizagens em dança, progressivamente os movimentos vão se ordenando no tempo e no espaço, canalizando a expressão de sentimentos, desejos, pensamentos, entre outros.

Considerando as etapas de desenvolvimento da criança no que se refere à sua percepção corporal, até os três anos, o professor deve organizar o trabalho em dança visando que os seus alunos desenvolvam as seguintes capacidades:



- Fazer uso de sua estrutura sensório-motora de modo cada vez mais intencional, para expressar-se por meio do movimento corporal;
- Fazer uso de seu corpo como instrumento de percussão acompanhando estruturas rítmicas;
- Movimentar-se, tendo como referência o espaço para o deslocamento de seu corpo, as partes e articulações do corpo, as relações entre os sons e o movimento corporal.

Dando prosseguimento ao trabalho em dança, sugere-se que, na fase dos três aos sete anos, o professor tenha como objetivos que os seus alunos desenvolvam as seguintes capacidades:

- Organizar-se no espaço total e parcial, explorando seus movimentos corporais em diferentes planos e diversos andamentos;
- Expressar idéias e sentimentos através de movimentos corporais;
- Copiar movimentos em simetria simultânea (em espelho);
- Assistir a espetáculos de dança em geral;

5) Avaliação do Ensino da Arte na Educação Infantil

Nesse nível de Educação, a avaliação em Arte deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, e poderá constituir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimento, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

A avaliação, assim, deve basear-se na observação cuidadosa do professor e no registro contínuo dessas observações, levando-se em consideração as conquistas de aprendizagens por parte dos alunos e os objetivos de ensino estabelecidos para as diversas linguagens artísticas trabalhadas.

* As orientações apresentadas para as linguagens Teatro e Dança foram formuladas com base no trabalho desenvolvido pelos professores Viviane G. de Oliveira, fonoaudióloga e professora de Dança, H. Cristián Muñoz Meneses, fonoaudiólogo e Coordenador de Artes na Regional de Ribeirão Pires, e Lídia Imaculada B. G. de Oliveira, Coordenadora de Artes do Estado de São Paulo.



6. O ENSINO DE ARTES NO ENSINO FUNDAMENTAL E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

No nível do Ensino Fundamental, o ensino de Arte deve ser tratado como área de conhecimento, com objetivos e conteúdos gerais e específicos. Enquanto área de conhecimento, deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares. Desse modo, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (Brasil, 1997:53,54), o Projeto Pedagógico das escolas das APAEs deve considerar o ensino de Artes, por meio das diferentes linguagens artísticas, nos ciclos de Escolarização Inicial – Fase II e Escolarização e Profissionalização – Fase III.

Os alunos ao freqüentarem os ciclos do Ensino Fundamental deverão ser capazes de:

- Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- Edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;
- Compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes na região, assim como do patrimônio cultural e do universo cultural, identificando a existência de diferenças entre os padrões artísticos e estéticos;
- Observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;
- Compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista;
- Buscar e saber organizar informações sobre a arte, em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e



acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.

6.1. Escolarização Inicial – Fase II – dos 7 aos 14 anos

Tendo-se em vista os objetivos do Ensino Fundamental, a APAE Educadora propõe que os conteúdos correspondentes a cada linguagem artística deverão levar em conta os três eixos, já apresentados (produção, apreciação e contextualização), como articuladores e norteadores do processo ensino/aprendizagem, bem como significar o prosseguimento e aprofundamento das aprendizagens das diferentes linguagens artísticas conforme segue:

1) Artes Visuais

O ensino em Artes Visuais requer contínua pesquisa sobre os conhecimentos da área, e experiências relacionadas com os materiais, as técnicas, as formas visuais de diversos momentos da História, inclusive contemporâneos. Para isso, a escola deve proporcionar aos alunos a vivência de um conjunto de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e coletiva.

Os conhecimentos a serem construídos no campo das Artes Visuais são os seguintes:

1.1) Expressão e comunicação na prática dos alunos em artes visuais

- As artes visuais no fazer dos alunos: desenho, pintura, colagem, escultura, gravura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, histórias em quadrinhos, produções informatizadas.
- Criação e construção de formas plásticas e visuais em espaços diversos (bidimensional e tridimensional).
- Observação e análise das formas que produz e do processo pessoal nas suas correlações com as produções dos colegas.
- Consideração dos elementos básicos da linguagem visual sem suas articulações nas imagens produzidas (relações entre ponto, linha, plano, cor, textura, forma, volume, luz, ritmo, movimento, equilíbrio).
- Reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem visual representando, expressando e comunicando por imagens: desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, colagem,, construção, fotografia, cinema, vídeo, televisão, informática, eletrografia.
- Contato e reconhecimento das propriedades expressivas e construtivas dos materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas na produção de formas visuais.



- Experimentação, utilização e pesquisa de materiais e técnicas artísticas (pincéis, lápis, giz de cera, papéis, tintas, argila, goivas, etc.) e outros meios (máquinas fotográficas, vídeos, aparelhos de computação e de reprografia).
- Seleção e tomada de decisões com relação a materiais, técnicas, instrumentos na construção das formas visuais.

1.2) As artes visuais como objeto de apreciação significativa

- Convivência com produções visuais (originais e reproduzidas) e suas concepções estéticas nas diferentes culturas (regional, nacional e internacional).
- Identificação dos significados expressivos e comunicativos das formas visuais.
- Contato sensível, reconhecimento e análise de formas visuais presentes na natureza e nas diversas culturas.
- Reconhecimento e experimentação de leitura dos elementos básicos da linguagem visual, em suas articulações nas imagens apresentadas pelas diferentes culturas (relações entre ponto, linha, plano, cor, textura, forma, volume, luz, ritmo, movimento, equilíbrio).
- Contato sensível, reconhecimento, observação e experimentação de leitura de formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, histórias em quadrinhos, telas de computador, publicações, publicidade, desenho industrial, desenho animado.
- Identificação e reconhecimento de algumas técnicas e procedimentos artísticos presentes nas obras visuais.
- Fala, escrita e outros registros (gráfico, audiográfico, pictórico, sonoro, dramático, videográfico) sobre as questões trabalhadas na apreciação de imagens.

1.3) As artes visuais como produto cultural e histórico

- Observação, estudo e compreensão de diferentes obras de artes visuais, artistas e movimentos artísticos produzidos em diversas culturas (regional, nacional e internacional) e em diferentes tempos da História.
- Reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos.
- Identificação de produtores em artes visuais como agentes sociais de diferentes épocas e culturas: aspectos da vida e alguns produtos artísticos.
- Pesquisa e frequência junto das fontes vivas (artistas) e obras para reconhecimento e reflexão sobre a arte presente na região em torno.
- Contato freqüente, leitura e discussão de textos simples, imagens e informações orais sobre artistas, suas biografias e suas produções.
- Reconhecimento e valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais.



- Frequência e utilização das fontes de informação e comunicação artística presentes nas culturas (museus, mostras, exposições, galerias, ateliês, oficinas).
- Elaboração de registros pessoais para sistematização e assimilação das experiências com formas visuais, informantes, narradores e fontes de informação.

(Brasil, 1997)

2) Dança

A dança está presente em todas as culturas humanas, integrando o trabalho, as religiões, o lazer. Toda ação humana envolve a atividade corporal. O indivíduo percebe e compreende a si mesmo e ao mundo em torno a partir das interações mediadas pelo seu corpo. Nesse sentido, a atividade da dança na escola pode possibilitar na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona, podendo torná-lo instrumento efetivamente expressivo, com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.

Tendo em vista o desenvolvimento integrado do aluno, desde o campo da Arte e, nela, da Dança, os conhecimentos a serem construídos no início do ensino fundamental devem ser os seguintes:

2.1) A dança na expressão e na comunicação humana

- Reconhecimento dos diferentes tecidos que constituem o corpo (pelo, músculos e ossos) e suas funções (proteção, movimento e estrutura).
- Observação e análise das características corporais individuais: a forma, o volume e o peso.
- Experimentação e pesquisa das diversas formas de locomoção, deslocamento e orientação no espaço (caminhos, direções e planos).
- Experimentação na movimentação, considerando as mudanças de velocidade, de tempo, de ritmo e o desenho do corpo no espaço.
- Observação e experimentação das relações entre peso corporal e equilíbrio.
- Reconhecimento dos apoios do corpo explorando-os nos planos (desde os próximos ao piso até a posição de pé).
- Improvisação na dança, inventando, registrando e repetindo seqüências de movimentos criados.
- Seleção dos gestos e movimentos observados em dança, imitando, recriando, mantendo suas características individuais.
- Seleção e organização de movimentos para a criação de pequenas coreografias.
- Reconhecimento e desenvolvimento da expressão em dança.



2.2) A dança como manifestação coletiva

- Reconhecimento e identificação das qualidades individuais de movimentos, observando os outros alunos, aceitando a natureza e o desempenho motriz de cada um.
- Improvisação e criação de seqüência de movimentos com os outros alunos.
- Reconhecimento e exploração do espaço em duplas ou outros tipos de formação em grupos.
- Integração e comunicação com os outros por meio dos gestos e dos movimentos.
- Criação de movimentos em duplas ou grupos opondo qualidades de movimentos (leve e pesado, rápido e lento, direto e sinuoso, alto e baixo).
- Observação e reconhecimento dos movimentos dos corpos presentes no meio circundante, distinguindo as qualidades de movimento e as combinações das características individuais.

2.3) A dança como produto cultural e apreciação estética

- Reconhecimento e distinção das diversas modalidades de movimento e suas combinações como são apresentadas nos vários estilos de dança.
- Identificação e reconhecimento da dança e suas concepções estéticas nas diversas culturas, considerando as criações regionais, nacionais e internacionais.
- Contextualização da produção em dança e compreensão desta como manifestação autêntica, sintetizadora e representante de determinada cultura.
- Identificação dos produtores em dança como agentes sociais em diferentes épocas e culturas.
- Elaboração de pesquisa e freqüência às fontes de informação e comunicação presentes em sua localidade (livros, revistas, vídeos, filmes e outros tipos de registro em dança).
- Elaboração de pesquisa e freqüência com grupos de dança, manifestações culturais e espetáculos em geral.
- Elaboração de registros pessoais para sistematização das experiências observadas e documentação consultada.

(Brasil, 1997)

3) Música

Para que o ensino da Música possa contribuir com a formação dos cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Nessa direção, propõe-se que os conhecimentos a serem construídos no início do ensino fundamental, em Música, sejam os seguintes:



3.1) Comunicação e expressão em música: interpretação, improvisação e composição

- Interpretações de músicas existentes, vivenciando um processo de expressão individual ou em grupo, dentro e fora da escola.
- Arranjos, improvisações e composições dos próprios alunos baseadas nos elementos da linguagem musical, em atividades que valorizem seus processos pessoais, conexões com a sua própria localidade e suas identidades culturais.
- Experimentação e criação de técnicas relativas à interpretação, à improvisação e à composição.
- Experimentação, seleção e utilização de instrumentos, materiais sonoros, equipamentos e tecnologias disponíveis em arranjos, composições e improvisações.
- Observação e análise das estratégias pessoais e dos colegas em atividades de produção.
- Seleção e tomada de decisões, em produções individuais e/ou grupais, com relação às idéias musicais, letra, técnicas, sonoridades, texturas, dinâmicas, forma, etc.
- Utilização e elaboração de notações musicais em atividades de produção.
- Percepção e identificação dos elementos da linguagem musical em atividades de produção, explicitando-os por meio da voz, do corpo, de materiais sonoros e de instrumentos disponíveis.
- Utilização de criação de letras de canções, parlendas, raps, etc., como portadoras de elementos da linguagem musical.
- Utilização do sistema modal/tonal na prática do canto a uma ou mais vozes.
- Utilização progressiva da notação tradicional da música relacionada à percepção da linguagem musical.
- Brincadeiras, jogos, danças, atividades diversas de movimentos e suas articulações com os elementos da linguagem musical.
- Traduções simbólicas de realidades interiores e emocionais por meio da música.

3.2) Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical

- Percepção e identificação dos elementos da linguagem musical (motivos, forma, estilos, gêneros, sonoridades, dinâmica, texturas, etc.) em atividades de apreciação, explicitando-os por meio da voz, do corpo, de materiais sonoros disponíveis, de notações ou de representações diversas.
- Identificação de instrumentos e materiais sonoros associados a idéias musicais de arranjos e composições.
- Percepção das conexões entre as notações e a linguagem musical.
- Observação e discussão de estratégias pessoais e dos colegas em atividades de apreciação.



- Apreciação e reflexão sobre músicas da produção regional, nacional e internacional, consideradas do ponto de vista da diversidade, valorizando as participações em apresentações ao vivo.
- Discussão e levantamento de critérios sobre a possibilidade de determinadas produções sonoras serem música.
- Discussão da adequação na utilização da linguagem musical em suas combinações com outras linguagens na apreciação de canções, trilhas sonoras, jingles, músicas para dança, etc.
- Discussão de características expressivas e da intencionalidade de compositores e intérpretes em atividades de apreciação musical.
- Explicitação de reações sensoriais e emocionais em atividades de apreciação e associação dessas reações a aspectos da obra apreciada.

3.3) A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo

- Movimentos musicais e obras de diferentes épocas e culturas, associados a outras linguagens artísticas o contexto histórico, social e geográfico, observados na sua diversidade.
- Fontes de registro e preservação (partituras, discos, etc.) e recursos de acesso e divulgação da música disponíveis na escola, na comunidade e nos meios de comunicação (bibliotecas, miatecas, etc.)
- Músicos como agentes sociais: vidas, épocas e produções.
- Transformações de técnicas, instrumentos, equipamentos e tecnologias na história da música.
- A música e sua importância na sociedade e na vida dos indivíduos.
- Os sons ambientais, naturais e outros, de diferentes épocas e lugares e sua influência na música e na vida das pessoas.
- Músicas e apresentações musicais e artísticas das comunidades, regiões do país, consideradas na diversidade cultural, em outras épocas e na contemporaneidade.
- Pesquisa e frequência junto de músicos e suas obras para reconhecimento e reflexão sobre a música presente na região.

(Brasil, 1997)

4) Teatro

A criança possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tomar consciência das suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola.

Segue-se, então, o quadro dos conhecimentos a serem construídos pelos alunos no início do ensino fundamental para o ensino de Teatro:



4.1) O teatro como expressão e comunicação

- Participação e desenvolvimento nos jogos de atenção, observação improvisação, etc.
- Reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem dramática: espaço cênico, personagem e ação dramática.
- Experimentação e articulação entre as expressões corporal, plástica e sonora.
- Experimentação na improvisação a partir de estímulos diversos (temas, textos dramáticos, poéticos, jornalísticos, etc., objetos, máscaras, situações físicas, imagens e sons).
- Experimentação na improvisação a partir do estabelecimento de regras para os jogos.
- Pesquisa, elaboração e utilização de cenário, figurino, maquiagem, adereços, objetos de cena, iluminação e som.
- Pesquisa, elaboração e utilização de máscaras, bonecos e de outros modos de apresentação teatral.
- Exploração das competências corporais e de criação dramática.
- Reconhecimento, utilização da expressão e comunicação na criação teatral.

4.2) O teatro como produção coletiva

- Reconhecimento e integração com os colegas na elaboração de cenas e na improvisação teatral.
- Reconhecimento e exploração do espaço de encenação com os outros participantes do jogo teatral.
- Interação ator-espectador na criação dramatizada.
- Observação, apreciação e análise dos trabalhos em teatro realizados pelos outros grupos.
- Compreensão dos significados expressivos, corporais, textuais, visuais, sonoros da criação teatral.
- Criação de textos e encenação com o grupo.

4.3) O teatro como produto cultural e apreciação estética

- Observação, apreciação e análise das diversas manifestações de teatro.
- As produções e as concepções estéticas.
- Compreensão, apreciação e análise das diferentes manifestações dramatizadas da região.
- Reconhecimento e compreensão das propriedades comunicativas e expressivas das diferentes formas dramatizadas (teatro em palco e em outros espaços, circo, teatro de bonecos, manifestações populares dramatizadas, etc.).
- Identificação das manifestações e produtores em teatro nas diferentes culturas e épocas.



- Pesquisa e leitura de textos dramáticos e de fatos da história do teatro.
- Pesquisa e frequência junto aos grupos de teatro, de manifestação popular e aos espetáculos realizados em sua região.
- Pesquisa e frequência às fontes de informação, documentação e comunicação presentes em sua região (livros, revistas, vídeos, filmes, fotografias ou qualquer outro tipo de registro em teatro).
- Elaboração de registros pessoais para sistematização das experiências observadas e da documentação consultada.

(Brasil, 1997)

5) Questões Relativas à Avaliação em Arte no Ensino Fundamental

Avaliar faz parte de toda atividade humana. A cada passo, avaliamos nossas ações, desde as mais cotidianas até os maiores desafios em nossas vidas, tendo como referência desejos, intenções, proposições e objetivos. Avaliamos para verificar como chegamos a realizar, conquistar, ou não, aquilo a que nos propusemos. Na prática pedagógica construída cotidianamente, o papel primeiro da avaliação não pode ser entendido de diferentes modos. A cada passo, professores e alunos devem avaliar como os objetivos propostos são alcançados, e identificar aqueles fatores que têm contribuído ou dificultado o processo, adiando ou mesmo desviando os focos de prejuízos.

Em Arte, avaliar, significa verificar o percurso de aprendizagem, e reajustá-lo a cada passo, de acordo com o “mapa de viagem” traçado para a aventura de construir conhecimento artístico, na produção, na apreciação e na contextualização histórica da produção nas diversas linguagens.

Para isso, é necessário que professores e alunos saibam, com clareza, quais são os seus objetivos. Se sabemos onde pretendemos chegar, podemos verificar se estamos caminhando na direção correta, o quanto já caminhamos, o quanto falta para que cheguemos à meta estabelecida. Avaliar é analisar todos os fatores que compõem o processo de construção de aprendizagens no ensino de Arte, o trabalho pedagógico do qual todos tomam parte: as estratégias metodológicas adotadas pelo professor, as condições de trabalho, o ponto de partida para os trabalhos, as dificuldades e potencialidades dos alunos, entre outros.

O planejamento das aulas de Arte é o primeiro instrumento que o professor deve dispor para avaliar, como condição primeira para que ele saiba o que e como avaliar, ou seja, quais aprendizagens verificar e que instrumentos utilizar para tal verificação.

De acordo com os objetivos e os conteúdos do ensino de Arte, nas várias linguagens, sugeridos para que sejam desenvolvidos nas I e II Fases do Ensino Fundamental, propõe-se que o professor oriente seus critérios de avaliação, nesse período de escolarização, segundo os seguintes critérios:



5.1) Avaliação de Artes Visuais

Em Artes Visuais, o professor deve observar como os alunos desenvolveram a capacidade de:

- Criar formas artísticas nos espaços bi e tridimensionais, desenvolvendo um percurso de criação que pode ser individual ou coletivo. O professor poderá observar se o aluno busca aperfeiçoar seus conhecimentos apesar de suas possíveis dificuldades e se valoriza sua produção.
- Estabelecer relações com o trabalho de arte produzido por si e por outras pessoas, sem discriminações estéticas, artísticas, étnicas e de gênero.
- Identificar os elementos da linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades – objetos de arte e ambiente social e natural.
- Reconhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos.
- Valorizar as fontes de documentação, preservação e acervos da produção artística disponíveis no seu contexto de vida e em outros aos quais venha a ter acesso.

(Brasil, 1997)

5.2) Avaliação de Dança

Em Dança, o professor deve observar como os alunos desenvolveram a capacidade de:

- Compreender a estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõem o seu movimento.
- Interessar-se pela dança como atividade individual e coletiva.
- Compreender e apreciar as diversas danças como manifestações culturais e sociais.

(Brasil, 1997)

5.3) Avaliação de Música

Em Música, o professor deve observar como os alunos desenvolveram a capacidade de:

- Interpretar, improvisar e compor demonstrando alguma capacidade ou habilidade.
- Reconhecer e apreciar os seus trabalhos musicais, de colegas e de músicos por meio das próprias reflexões, emoções e conhecimentos, sem preconceitos estéticos, artísticos, étnicos e de gênero.
- Compreender a música como produto cultural histórico em evolução, sua articulação com as histórias do mundo e as funções, valores e finalidades que foram atribuídas a ela por diferentes povos e épocas.



- Reconhecer e valorizar o desenvolvimento pessoal em música nas atividades de produção e apreciação, assim como na elaboração de conhecimento sobre a música como produto cultural e histórico.

(Brasil, 1997)

5.4) Avaliação de Teatro

Em Teatro, o professor deve observar como os alunos desenvolveram a capacidade de:

- Compreender e estar habilitado para se expressar na linguagem dramática.
- Compreender o teatro como ação coletiva.
- Compreender e apreciar as diversas formas de teatro produzidas nas culturas.
- Reconhecer e valorizar o desenvolvimento pessoal.

(Brasil, 1997)

6.2. Escolarização e Profissionalização – Fase III – a partir dos 14 anos

De acordo com a proposta da APAE Educadora, o ensino de Arte para as escolas das APAEs deverá significar o prosseguimento e o aprofundamento das aprendizagens das linguagens artísticas desenvolvidas até então. A organização desse ensino deverá se dar em torno da produção, da apreciação e da contextualização histórico-cultural e das produções artísticas, tendo como base norteadora para as ações pedagógicas os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (Brasil, 1998a), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Linguagens, Códigos, Tecnologias e Conhecimentos de Arte (Brasil, 1999).

1) Artes Visuais

No mundo contemporâneo as linguagens visuais ampliam-se, fazendo novas combinações, criando novas modalidades, fazendo uso de novas tecnologias. A fotografia, o cinema, a televisão, a computação, as artes gráficas, fazem parte dessas novas possibilidades. A multimídia, a performance, o videoclipe são alguns exemplos em que a imagem integra-se ao texto, som e espaço. Além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenhos, gravura, arquitetura, cerâmica, cestaria, entalhe, etc.) os alunos devem ter, senão acesso, ao menos referências dessas modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas nesta entrada no século XXI.

Além disso, a educação visual deve levar em conta as possibilidades e os modos pelos quais os alunos transformam seus conhecimentos em arte, ou seja, como aprendem, criam, desenvolve-se e modificam suas concepções de arte.



Assim, as aulas de Artes Visuais devem ter como **objetivos** possibilitar ao jovem ser capaz de:

1. Expressar, representar idéias, emoções, sensações por meio da articulação de poéticas pessoais, desenvolvendo trabalhos individuais e em grupo.
2. Construir, expressar e comunicar-se em artes plásticas e visuais articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão, observando o próprio percurso de criação e suas conexões com o de outros.
3. Interagir com variedade de materiais naturais e fabricados, multimeios, percebendo, analisando e produzindo trabalhos de arte.
4. Reconhecer, diferenciar e saber utilizar com propriedade diversas técnicas de arte, com procedimentos de pesquisa, experimentação e comunicação próprios.
5. Desenvolver uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a de outros, valorizando e respeitando a diversidade estética, artística e de gênero.
6. Identificar a diversidade e inter-relações de elementos da linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades (vitrines, cenários, roupas, adereços, objetos domésticos, meios de comunicação, etc.), perceber e analisá-los criticamente.
7. Conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas, criados por produtores de distintos grupos étnicos em diferentes tempos e lugares, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural do aluno.
8. Freqüentar e saber utilizar as fontes de documentação de arte, valorizando os modos de preservação, conservação e restauração dos acervos em geral.
9. Compreender, analisar e observar as relações entre as artes visuais com outras modalidades artísticas e também com outras áreas de conhecimento.
10. Conhecer e situar profissões e os profissionais de Artes Visuais.

(Brasil, 1998a)

Sugere-se que os conteúdos a serem desenvolvidos em Artes Visuais sejam organizados do seguinte modo:

1.1) Produção do aluno em Artes Visuais

- Produção artística visual em espaços diversos por meio de: desenho, pintura, colagem, gravura, construção, escultura, instalação, fotografia, cinema, vídeo, meios eletroeletrônicos, design, artes gráficas e outros.
- Observação, análise, utilização dos elementos da linguagem visual e suas articulações nas imagens produzidas.
- Representação e comunicação das formas visuais, concretizando as próprias intenções e aprimorando o domínio dessas ações.



- Conhecimento e utilização dos materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas nos trabalhos pessoais, explorando e pesquisando suas qualidades expressivas e construtivas.
- Experimentação, investigação, utilização e capacidade de escolha de suportes, técnicas e materiais diversos, convencionais e não-convencionais, naturais e industrializados, para realizar trabalhos individuais e em grupo.

1.2) Apreciação significativa em Artes Visuais

- Contato sensível e análise de formas visuais presentes nos próprios trabalhos, nos dos colegas, na natureza e nas diversas culturas, percebendo elementos comuns e específicos de sistemas formais;
- Observação da presença e transformação dos elementos básicos da linguagem visual, em suas articulações nas imagens produzidas, nas dos colegas e nas apresentadas em diferentes culturas e épocas;
- Identificação, observação e análise das diferentes técnicas e procedimentos artísticos presentes nos próprios trabalhos, nos dos colegas e em diversas culturas;
- Percepção e análise de produções visuais (originais e reproduções) e conhecimento sobre diversas concepções estéticas presentes nas culturas;
- Reconhecimento da variedade de significados expressivos, comunicativos, e de valor simbólico nas formas visuais e suas conexões temporais, geográficas e culturais;
- Conhecimento e competência de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, histórias em quadrinhos, telas de computador, publicações, publicidade, design, desenho animado, etc.
- Discussão, reflexão e comunicação sobre o trabalho de apreciação das imagens por meio de fala, escrita ou registros (gráfico, sonoro, dramático, videográfico, etc.), mobilizando a troca de informações com os colegas e outros jovens;
- Descoberta, observação e análise crítica de elementos e formas visuais na configuração do meio ambiente construído;
- Reconhecimento da diversidade de sentidos existentes nas imagens produzidas por artistas ou veiculadas nas mídias e suas influências na vida pessoal e social;
- Identificação de múltiplos sentidos na apreciação de imagens.

1.3) As Artes Visuais como produção cultural e histórica

- Observação, pesquisa e conhecimento de diferentes obras de artes visuais, produtores e movimentos artísticos de diversas culturas e em diferentes momentos da história;



- Compreensão sobre o valor das artes visuais na vida dos indivíduos e suas possíveis articulações com a ética que permeia as relações de trabalho na sociedade contemporânea;
- Reflexão sobre a ação social que os produtores de arte concretizam em diferentes épocas e culturas, situando conexões entre vida, obra e contexto;
- Conhecimento e investigação sobre a arte das regiões próximas à localização do aluno, e distante, a partir de obras, fontes vivas, textos e outras formas de registro;
- Conhecimento, valorização de diversos sistemas de documentação, catalogação, preservação e divulgação de bens culturais presentes em regiões próximas e distantes;
- Utilização autônoma e frequência às fontes de informação e comunicação artística presentes em diversas culturas por meio de processos dialógicos diretos ou virtuais;
- Elaboração de formas pessoais de registro para assimilação, sistematização e comunicação das experiências com formas visuais, e fontes de informação das diferentes culturas;
- Reflexão sobre as artes visuais e a cultura brasileira em sua diversidade e presença na comunidade e no cotidiano dos alunos;
- Reconhecimento da presença de qualidades técnicas, históricas, estéticas, filosóficas, éticas, culturais nas produções visuais, sabendo observá-las como fonte de pesquisa;
- Conhecimento crítico de diferentes interpretações de artes visuais e da cultura brasileira, produzidas por brasileiros e estrangeiros no país.

(Brasil, 1998a)

Dando continuidade às reflexões a respeito do papel da avaliação no processo de construção de aprendizagens no ensino de Arte, sugere-se que, em Artes Visuais, o professor considere, para a avaliação, os seguintes critérios, no que diz respeito às aprendizagens dos alunos:

- Criar formas artísticas por meio de poéticas pessoais;
- Estabelecer relações com o trabalho de arte produzido por si, por seu grupo e por outros, sem discriminação estética, artística e de gênero;
- Identificar os elementos da linguagem visual e suas relações em trabalhos artísticos e na natureza;
- Conhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos e reconhecer a existência desse processo vivenciado por jovens e adultos de distintas culturas;
- Valorizar a pesquisa e a visita a fontes de documentação, preservação, acervo e veiculação da produção artística.

(Brasil, 1998a)



2) Dança

A escola pode desempenhar importante papel na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, ao dar aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. No terceiro e quarto ciclos (5^a a 8^a séries) essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos vivenciam um processo mais intenso de tomada de consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes, bem como todos os conflitos e angústias decorrentes.

À escola cabe instrumentalizar e construir conhecimento em dança e por meio da dança com seus alunos. Se já foi introduzido o trabalho com dança nas I e II Fases do ensino fundamental, entende-se que o aluno já tem domínio elementar das habilidades básicas do corpo e dos elementos da dança. O trabalho deve estar voltado, portanto, para o aperfeiçoamento dessas habilidades, e gerar propostas mais complexas que desafiem as descobertas corporais iniciadas nas primeiras fases.

Assim, as aulas de Dança devem ter por objetivos possibilitar ao jovem ser capaz de:

- Construir uma relação de cooperação, respeito, diálogo e valorização das diversas escolhas e possibilidades de interpretação e de criação em dança que ocorrem em sala de aula e na sociedade;
- Aperfeiçoar a capacidade de discriminação verbal, visual e cinestésica e de preparo corporal adequado em relação às danças criadas, interpretadas e assistidas;
- Situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade, principalmente no que diz respeito ao diálogo entre a tradição e a sociedade contemporânea;
- Buscar e saber organizar, registrar e documentar informações sobre dança em contato com artistas, documentos, livros, etc., relacionando-os a suas próprias experiências pessoais como criadores, intérpretes e apreciadores de dança.

(Brasil, 1998a)

No ensino da Dança, sugere-se que os conteúdos a serem desenvolvidos sejam organizados nos seguintes eixos:

2.1) Dançar

- Desenvolvimento das habilidades corporais adquiridas nas fases anteriores, iniciando trabalho de memorização e reprodução de seqüências de movimentos quer criadas pelos alunos, pelo professor, quer pela tradição da dança;
- Relacionamento das habilidades corporais adquiridas com as necessidades contidas nos processos da dança trabalhados em sala de aula;



- Reconhecimento das transformações ocorridas no corpo quanto à forma, sensações, percepções, relacionando-as às danças que cria e interpreta e às emoções, comportamentos, relacionamentos em grupo e em sociedade;
- Desenvolvimento de habilidades pessoais para trabalhar aquecimento, relaxamento e compensação do corpo, relacionando-as a noções de anatomia aprendidas.

2.2) Apreciar e dançar

- Aperfeiçoamento e compreensão dos elementos do movimento: partes do corpo, dinâmicas do movimento, uso do espaço e das ações;
- Experimentação e diferenciação entre repertório, improvisação, composição coreográfica e apreciação, atentando para as diferentes sensações e percepções individuais e coletivas que ocorrem nos quatro processos;
- Experimentação, investigação e utilização de diferentes estímulos para improvisação e para composição coreográfica;
- Experimentação com as transições possíveis da improvisação à composição coreográfica e observação, conhecimento e utilização de alguns recursos coreográficos;
- Percepção das relações entre os diferentes estímulos utilizados nas composições e os diversos significados articulados e veiculados nas danças criadas;
- Observação e análise das tomadas de decisão pessoais e grupais em relação às conseqüências/resultados dos processos criativos;
- Identificação da relação/necessidade de “ajuste”, cooperação e respeito entre as escolhas individuais e as relações grupais em sala de aula que ocorrem nos diferentes processos do fazer e apreciar da dança.

2.3) Dimensões histórico-sociais e culturais da dança e seus aspectos estéticos

- Conhecimento dos dançarinos/coreógrafos e grupos de dança brasileiros e estrangeiros que contribuíram para a história da dança nacional, reconhecendo e contextualizando épocas e regiões;
- Reflexão sobre os principais aspectos de escolha de movimento, estímulos coreográficos, gênero e estilo dos coreógrafos estudados às danças que criam em sala de aula, contextualizando as diferentes opções;
- Análise, registro e documentação dos próprios trabalhos de dança e dos utilizados por diferentes dançarinos e coreógrafos;
- Compreensão de parâmetros e métodos de análise de dança significativos para o grupo, diferenciando-os da interpretação pessoal de cada um;
- Reflexão sobre o papel do corpo na dança em suas diversas manifestações artísticas.



Sugere-se que, em Dança, o professor considere, para a avaliação, os seguintes critérios, no que diz respeito às aprendizagens dos alunos:

- Saber mover-se com consciência, desenvoltura, qualidade e clareza dentro de suas possibilidades de movimento e das escolhas que faz;
- Conhecer as diversas possibilidades dos processos criativos em dança e suas interações com a sociedade;
- Tomar decisões próprias na organização dos processos criativos individuais e de grupo em relação a movimentos, música, cenário e espaço cênico;
- Conhecer as principais correntes históricas da dança e as manifestações culturais populares e suas influências nos processos criativos pessoais;
- Saber expressar com desenvoltura, clareza, critério suas idéias e juízos de valor a respeito das danças que cria e assiste.

(Brasil, 1998a)

3) Música

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao seu redor, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música, desenvolvendo a dimensão sensível humana inerente a essa linguagem.

As escolas da APAE podem possibilitar o desenvolvimento estético e musical de seus alunos, por meio da construção de aprendizagens no universo da linguagem da música, por meio do estabelecimento de interlocuções com grupos musicais da localidade e da região, estimulando a participação em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações diversas, seja no papel de apreciadores, seja no papel de músicos, intérpretes ou compositores.

Os **objetivos** do ensino de Música nessa faixa etária devem ser:

- Alcançar progressivo desenvolvimento musical, rítmico, melódico, harmônico, tímbrico, nos processos de improvisar, compor, interpretar e apreciar;
- Desenvolver a percepção auditiva e a memória musical, criando, interpretando e apreciando músicas em um ou mais sistemas musicais, como: modal, tonal e outros;
- Pesquisar, explorar, improvisar, compor e interpretar sons de diversas naturezas e procedências, desenvolvendo autoconfiança, senso estético crítico, concentração, capacidade de análise e síntese, trabalho em equipe com diálogo, respeito e cooperação;
- Fazer uso de formas de registro sonoro, convencionais ou não, na grafia e leitura de produções musicais próprias ou de outros, utilizando algum instrumento musical, vozes e/ou sons os mais diversos, desenvolvendo variadas maneiras de comunicação;



- Utilizar e cuidar da voz como meio de expressão e comunicação musicais, empregando conhecimentos de técnica vocal adequados à faixa etária (tessitura, questões de muda vocal, etc.)
- Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento;
- Conhecer, apreciar e adotar atitudes de respeito diante da variedade de manifestações musicais e analisar as interpenetrações que se dão contemporaneamente entre elas, refletindo sobre suas respectivas estéticas e valores;
- Valorizar as diversas culturas musicais, especialmente as brasileiras, estabelecendo relações entre a música produzida na escola, as veiculadas pelas mídias e as que são produzidas individualmente e/ou por grupos musicais da localidade e região; bem como procurar a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, buscando enriquecer suas criações, interpretações musicais e momentos de apreciação musical;
- Discutir e refletir sobre as preferências musicais e influências do contexto sociocultural, conhecendo usos e funções da música em épocas e sociedades distintas, percebendo as participações diferenciadas de gênero, minorias e etnias;
- Desenvolver maior sensibilidade e consciência estético-crítica diante do meio ambiente sonoro, trabalhando com “paisagens sonoras” de diferentes tempos e espaços, utilizando conhecimentos de ecologia acústica;
- Refletir e discutir os múltiplos aspectos das relações comunicacionais dos alunos com a música produzida pelos meios tecnológicos contemporâneos, bem como com o mercado cultural;
- Adquirir conhecimento sobre profissões e profissionais da área musical, considerando diferentes áreas de atuação e características do trabalho.

(Brasil, 1998a)

Sugere-se que os conteúdos a serem desenvolvidos em Música estejam organizados do seguinte modo:

3.1) Expressão e comunicação em Música: improvisação, composição e interpretação

- Improvisações, composições e interpretações, utilizando um ou mais sistemas musicais, assim como procedimentos aleatórios, desenvolvendo a percepção auditiva, a imaginação, a sensibilidade e a memória musicais e a dimensão estética e artística;



- Percepção e utilização dos elementos da linguagem musical em processos pessoais e grupais de improvisação, composição e interpretação;
- Experimentação, improvisação e composição a partir de propostas da própria linguagem musical, de propostas referentes a paisagens sonoras de distintos espaços geográficos, épocas históricas, de propostas relativas à percepção visual, tátil, de propostas relativas a idéias e sentimentos próprios e ao meio sociocultural, como as festas populares;
- Audição, experimentação, escolha e exploração de sons de inúmeras procedências, vocais e/ou instrumentais, de timbres diversos, ruídos, produzidos por materiais e equipamentos diversos, acústicos e/ou elétricos e/ou eletrônicos, empregados de modo individual e/ou coletivo em criações e interpretações;
- Construção de instrumentos musicais convencionais e não-convencionais, a partir da pesquisa de diversos meios, materiais, e de conhecimentos elementares de ciências físicas e biológicas aplicadas à música;
- Elaboração e leitura de trechos simples de música grafados de modo convencional e/ou não convencional, que registrem: altura, duração, intensidade, timbre, textura e silêncio, procurando desenvolver a leitura musical e valorizar processos pessoais e grupais;
- Criação a partir do aprendizado de instrumentos, do canto, de materiais sonoros diversos e da utilização do corpo como instrumento, procurando o domínio de conteúdos da linguagem musical;
- Formação de habilidades específicas para a escuta e o fazer musical: improvisando, compondo e interpretando e cuidando do desenvolvimento da memória musical;
- Improvisação, composição e interpretação com instrumentos musicais, tais como flauta, percussão, etc., e/ou vozes, fazendo uso de técnicas instrumental e vocal básicas, participando de conjuntos instrumentais e/ou vocais;
- Interpretação, acompanhamento, recriação, arranjos de músicas do meio sociocultural, e do patrimônio musical construído pela humanidade nos diferentes espaços geográficos, épocas, povos, culturas e etnias, tocando e/ou cantando individualmente e/ou em grupo, construindo relações de respeito e diálogo;
- Arranjos, acompanhamentos, interpretações de músicas das culturas populares brasileiras, utilizando padrões rítmicos, melódicos, formas harmônicas e demais elementos que as caracterizam;
- Criação e interpretação de jingles, trilha sonora, arranjos, músicas do cotidiano e as referentes aos movimentos musicais atuais com os quais os jovens se identificam.



3.2) Apreciação significativa em Música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical

- Manifestações pessoais de idéias e sentimentos sugeridos pela escuta musical, levando em conta o imaginário em momentos de fruição;
- Percepção, identificação, comparação, análise de músicas e experiências musicais diversas, quanto aos elementos da linguagem musical, utilizando vocabulário musical adequado;
- Audição, comparação, apreciação e discussão de obras que apresentam concepções estéticas musicais diferenciadas, em dois ou mais sistemas;
- Apreciação de músicas do próprio meio sociocultural, nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer dos tempos e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas e com as demais áreas do conhecimento;
- Audição de músicas brasileiras de várias vertentes, considerações e análises sobre diálogos e influências que hoje se estabelecem entre elas e as músicas internacionais, realizando reflexões sobre respectivas estéticas;
- Participação, sempre que possível, em apresentações ao vivo de músicas regionais, nacionais e internacionais, músicas da cultura popular, étnicas, do meio sociocultural, incluindo fruição e apreciação;
- Discussões sobre músicas próprias e/ou de seu grupo sociocultural, apreciando-as, observando semelhanças e diferenças, características e influências recebidas, desenvolvendo o espírito crítico;
- Percepção, identificação e comparação de músicas de culturas brasileiras, observando e analisando características melódicas, rítmicas, dos instrumentos, das vozes, formas de articular os sons, interpretações, sonoridades, etc.
- Considerações e comparações sobre usos e funções da música no cotidiano, manifestações de opiniões próprias e discussões grupais sobre estéticas e preferências por determinadas músicas e estilos, explicitando pontos de vista, discutindo critérios utilizados, observando influências culturais nas participações diferenciadas de gênero, minorias e etnias;
- Reflexões sobre os efeitos causados na audição, no temperamento, na saúde das pessoas, na qualidade de vida, pelos hábitos de utilização de volume alto nos aparelhos de som e pela poluição sonora do mundo contemporâneo, discutindo sobre prevenção, cuidados e modificações necessárias nas atividades cotidianas;
- Discussões e reflexões sobre a música que o aluno consome, tendo em vista o mercado cultural, a globalização, a formação de seu gosto, a cultura das mídias;
- Identificação e descrição de funções desempenhadas por músicos: cantor, regente, compositor, guitarrista de uma banda, etc., e encontros com músicos e grupos musicais da localidade e região, discutindo interpretações, expressividade, técnicas e mercado de trabalho.



3.3) Compreensão da Música como produto cultural e histórico

- Identificação da transformação dos sistemas musicais, ao longo da história e em diferentes grupos e etnias, e sua relação com a história da humanidade;
- Conhecimento de algumas transformações pelas quais passaram as grafias musicais ao longo da história e respectivas modificações pelas quais passou a linguagem musical;
- Identificação e caracterização de obras e estilos musicais de distintas culturas, relacionando-os com as épocas em que foram compostas;
- Pesquisa, reflexões e discussões sobre a origem, transformações e características de diferentes estilos da música brasileira;
- Conhecimento e adoção de atitudes de respeito diante das músicas produzidas por diferentes culturas, povos, sociedades, etnias, na contemporaneidade e nas várias épocas, analisando usos, funções, valores e estabelecendo relações entre elas;
- Discussão de características e aspectos de músicas do cotidiano, do meio sociocultural, nacionais e internacionais, observando apropriações e reelaborações que têm acontecido no decorrer dos tempos;
- Investigação da contribuição de compositores e intérpretes para a transformação histórica da música e para a cultura musical da época, correlações com outras áreas do conhecimento e contextualizações com aspectos histórico-geográficos, bem como conhecimento de suas vidas e importância de respectivas obras;
- Reflexão, discussão e posicionamento crítico sobre a discriminação de gênero, etnia e minorias, na prática da interpretação e criação musicais em diferentes culturas e etnias, em diversos tempos históricos;
- Contextualização no tempo e no espaço das paisagens sonoras de diversos meios ambientes, reflexão e posicionamento sobre as causas e consequências da qualidade atual de nosso ambiente sonoro, projetando transformações desejáveis;
- Discussão sobre a transformação de valores, costumes, hábitos e gosto musical, com os avanços da música eletrônica nas últimas décadas e possíveis razões que têm influenciado essas transformações;
- Contatos com formas de registro e preservação, informação e comunicação sobre música presentes em bibliotecas e mídiotecas da cidade, região e conhecimento sobre possibilidades de utilização;
- Comparação e compreensão do valor e função da música de diferentes povos e épocas, e possibilidades de trabalho que ela tem oferecido.

(Brasil, 1998a)

O professor deverá considerar, enquanto critério de avaliação em Música, se o seu aluno é capaz de:

- Criar e interpretar, com autonomia, utilizando diferentes meios e materiais sonoros,



- Utilizar conhecimentos básicos da linguagem musical, comunicando-se e expressando-se musicalmente,
- Conhecer e apreciar músicas de seu meio sociocultural e do universo musical construído pela humanidade em diferentes períodos históricos e espaços geográficos,
- Reconhecer e comparar, por meio da percepção sonora, composições quanto aos elementos da linguagem musical,
- Refletir, discutir e analisar aspectos das relações socioculturais que os jovens estabelecem com a música pelos meios tecnológicos contemporâneos, com o mercado cultural.

(Brasil, 1998a)

4) Teatro

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam, observem e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando com um modo essencialmente coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano.

A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com as diferenças. Nesse processo, é sempre desejável que haja uma integração entre a produção e a apreciação artística, de modo que toda prática de teatro tenha como base a observação e a pesquisa.

Os objetivos do trabalho em Teatro na Educação Básica devem ser o de que os jovens alunos sejam capazes de:

- Compreender o teatro em suas dimensões artística, estética, histórica, social e antropológica;
- Compreender a organização dos papéis sociais em relação aos gêneros e contextos específicos como etnias, diferenças culturais, de costumes e crenças, para a construção da linguagem teatral;
- Improvisar com os elementos da linguagem teatral. Pesquisar e otimizar recursos materiais disponíveis na própria escola e na comunidade para a atividade teatral;
- Empregar vocabulário apropriado para a apreciação e caracterização dos próprios trabalhos, dos trabalhos de colegas e de profissionais do teatro;
- Conhecer e distinguir diferentes momentos da História do Teatro, os aspectos estéticos predominantes, a tradição dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea;
- Conhecer a documentação existente nos acervos e arquivos públicos sobre o teatro, sua história e seus profissionais;
- Acompanhar, refletir, relacionar e registrar a produção teatral construída na escola, a produção teatral local, as formas de representação dramática veiculadas pelas mídias e as manifestações da crítica sobre essa produção;



- Estabelecer relação de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho de colegas na atividade teatral na escola;
- Conhecer sobre as profissões e seus aspectos artísticos, técnicos e éticos, e sobre os profissionais da área de teatro;
- Reconhecer a prática do teatro como tarefa coletiva de desenvolvimento da solidariedade social.

(Brasil, 1998a)

Tendo em vista tais objetivos, os conteúdos a serem desenvolvidos são apresentados nos eixos a seguir:

4.1) Teatro como comunicação e produção coletiva

- Participação em improvisações, buscando ocupar espaços diversificados, considerando-se o trabalho de criação de papéis sociais e gêneros e da ação dramática;
- Reconhecimento e utilização das capacidades de expressar e criar significados no plano sensório-corporal na atividade teatral;
- Identificação e aprofundamento dos elementos essenciais para a construção de uma cena teatral;
- Exercício constante da observação do universo circundante, do mundo físico e da cultura;
- Experimentação, pesquisa e criação com os elementos e recursos da linguagem teatral, como maquiagem, máscaras, figurinos, adereços, música, cenografia, iluminação e outros;
- Experimentação de construção de roteiros/cenas que contenham enredo, história, conflito dramático, personagens, diálogo, local e ação dramática definidos;
- Experimentação na adaptação, em roteiros, de histórias, notícias, contos, fatos históricos, mitos, narrativas populares em diversos períodos históricos e da contemporaneidade;
- Experimentação, pesquisa e criação dos meios de divulgação do espetáculo teatral como: cartazes, faixas, filipetas, programas e outros;
- Participação de todo o grupo nos exercícios e apresentações sem distinções de sexo, etnia, ritmos e temperamentos, favorecendo o processo intergrupar e com outros grupos da escola ou da comunidade;
- Pesquisa e otimização dos recursos próprios para a atividade teatral disponíveis na própria escola e na comunidade.

4.2) Teatro como apreciação

- Reconhecimento e identificação da interdependência dos diversos elementos que envolvem a produção de uma cena: a atuação, a coordenação da cena, o cenário, a iluminação, a sonorização;
- Reconhecimento da relação entre o público e a produção teatral, como base nas atividades dos jogos teatrais e da organização das cenas;



- Observação e análise da necessidade de reformulação constante dos produtos das cenas em função do caráter inacabado da cena teatral;
- Exercício constante de observação e análise diante das propostas e cenas de colegas, por meio de formulações verbais e escritas.

4.3) Teatro como produto histórico-cultural

- Compreensão do teatro como atividade que favorece a identificação com outras realidades socioculturais;
- Compreensão e pesquisa dos diferentes momentos da história do teatro, dos autores de teatro, dos estilos, dos encenadores, cenógrafos;
- Interação e reconhecimento da diversidade cultural presentes no teatro de diferentes culturas;
- Compreensão e distinção das diferentes formas de construção das narrativas e estilos: tragédia, drama, comédia, farsa, melodrama, circo, teatro épico, entre outros;
- Compreensão e análise de formas teatrais regionais, nacionais e internacionais, esclarecendo suas tradições, características e modos de construção;
- Pesquisa e leitura de textos dramáticos e identificação das estruturas, dos personagens, do conflito, dos estilos e dos gêneros teatrais;
- Freqüentação e pesquisa do movimento teatral na comunidade, na cidade, no estado no país e no âmbito internacional, para observar o trabalho de atores, diretores, grupos regionais e a crítica de espetáculos;
- Consulta e levantamentos em centros de documentação, arquivos multimídias, acervos e em bancos de textos dramáticos sobre o teatro local.

(Brasil, 1998a)

4.4) Avaliação

Na avaliação do trabalho de Teatro desenvolvido pelo aluno, o professor deve verificar se, em suas aprendizagens, o aluno é capaz de:

- Saber improvisar e atuar nas situações de jogos, explorando as capacidades do corpo e da voz,
- Estar capacitado para criar cenas escritas ou encenadas, reconhecendo e organizando os recursos para a sua estruturação,
- Estar capacitado a emitir opiniões sobre a atividade teatral, com clareza e critérios fundamentados, sem discriminação estética, artística, étnica ou de gênero,
- Identificar momentos importantes da história do teatro, da dramaturgia local, nacional ou internacional, refletindo e relacionando os aspectos estéticos e cênicos,
- Valorizar as fontes de documentação, os acervos e os arquivos da produção artística teatral.

(Brasil, 1998a)



7. FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR

No que se refere à formação do professor de Arte, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio encontra-se a seguinte orientação:

“Por causa do direito dos alunos ao exercício e prática de sua sensibilidade expressiva em Arte e como cidadão, espera-se que seus professores de Arte também possam aperfeiçoar-se nesse mesmo exercício, incluindo suas competências profissionais.

Por isso, o aperfeiçoamento contínuo de professores de Arte requer melhorias sustentáveis nas ações nacionais, regionais e locais voltadas à formação inicial de professores de linguagens artísticas (em cursos de Graduação/Licenciaturas de Arte e de Educação) e à formação contínua dos educadores de Arte, em serviço nas escolas ou centros culturais.”

(Brasil, 1999)

A formação inicial e contínua dos professores em Arte estão entre as condições para a promoção de um ensino de Arte de qualidade para o aluno na Educação Básica, período durante o qual ele deverá conhecer e expressar-se nas várias linguagens artísticas, ora em uma, ora em outra, de modo que, ao final do seu processo de escolarização, ela tenha tido a oportunidade de construir conhecimentos significativos em todas elas.

As atividades propostas na área de Arte, nas suas várias linguagens, devem garantir e ajudar os alunos a desenvolver modos imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a Arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.

Nesse sentido, pretende-se redimensionar o ensino de Arte, superando as duas tendências metodológicas que têm prevalecido: uma que propõe exercícios de repetição ou imitação mecânica de modelos prontos, e outra que trata de atividades cujo foco central é a motivação e a estimulação. Tanto uma como outra deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno.

Para isso, o professor de Arte deve, ele próprio, exercitar a expressão por meio de uma linguagem artística. Além disso, ele deve pesquisar, estudar, selecionando questões significativas que podem ser propostas para os alunos durante sua aprendizagem, estimulando seu interesse, sua curiosidade. O professor pode buscar, na realidade circundante, encontrar elementos que contribuam para o enriquecimento das aprendizagens: imagens, textos sobre artistas, sobre críticas de Arte, literários, artistas e artesãos locais, exposições, manifestações artísticas da



comunidade, entre outros. Os alunos podem participar dessa busca de informações, estimulados pelo professor.

Também cabe ao professor prever os modos de organização do tempo e do espaço para o desenvolvimento das aulas, criando um ambiente favorável às aprendizagens, sejam elas reflexivas ou de produção, e levando em consideração as necessidades de cada aluno e suas possibilidades de expressão e comunicação.

O ensino de Arte assim tratado como área de conhecimento supõe a formação contínua do professor bem como o seu exercício nas linguagens artísticas, para que ele possa orientar, de modo seguro, consistente e sensível, a formação do aluno no universo das linguagens artísticas. Essa formação deve possibilitar ao professor uma reflexão no sentido de reformular continuamente sua prática pedagógica, buscando conhecer Arte, superar dificuldades e melhor sistematizar a construção efetiva de conhecimento junto aos seus alunos.

Considerando tais aspectos é que a APAE Educadora, no que tange ao ensino de Arte, propõe duas frentes de formação continuada aos professores: uma voltada para os professores que atuam com os alunos da Educação Infantil (Fase I), Ensino fundamental – Escolarização Inicial (Fase II) e Escolarização e Profissionalização (Fase III) que compreende os Programas de Escolarização de Jovens e Adultos, Formação Profissional e Programas Pedagógicos Específicos, e outra voltada para a sensibilização e o exercício das linguagens artísticas por parte dos professores em geral, constituindo um espaço de vivências em Artes no Movimento Apaeano.

As propostas voltadas para contemplar tanto uma quanto a outra frente deverão levar em consideração o desenvolvimento das competências e habilidades em Arte, dentro do ideário delineado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, volume 2, Linguagens códigos e suas tecnologias (Brasil, 1999). Vale lembrar que essas competências estão organizadas em três grandes eixos, a saber: representação e comunicação em Arte, investigação e a compreensão das obras artísticas, bem como a sua contextualização sociocultural, conforme se segue:

Representação e comunicação:

- Realizar produções artísticas, individuais e/ou coletivas, nas linguagens da Arte (música, artes visuais, dança, teatro, artes audiovisuais);
- Apreciar produtos de arte, em suas várias linguagens, desenvolvendo tanto a fruição quanto a análise estética.

Investigação e compreensão:

- Analisar, refletir e compreender os diferentes processos da Arte, com seus diferentes instrumentos de ordem material e ideal, como manifestações socioculturais e históricas;
- Conhecer, analisar, refletir e compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, semiótico, científico e tecnológico, entre outros.



Contextualização sociocultural:

- Analisar, refletir, respeitar e preservar as diversas manifestações de Arte – em suas múltiplas funções – utilizadas por diferentes grupos sociais e étnicos, interagindo com o patrimônio nacional e internacional, que se deve conhecer e compreender em sua dimensão sociohistórica.

Ressalte-se a importância de que, na medida das possibilidades, sejam incluídas, nos conhecimentos em Arte, as novas tecnologias e suas possibilidades no campo artístico, constituindo o campo das artes audiovisuais: o vídeo, o cinema, a informática, a fotografia, entre outros.

A mais, não podemos perder de vista que, “na escola básica, a Arte, conhecimento humano sensível-cognitivo, particularmente estético e comunicacional, é presença urgente na história da aprendizagem cultural dos jovens de nosso País, humanizando-se e ajudando a humanizar o mundo contemporâneo” (Brasil, 1999:108).

7.1. Estudo sistematizado – teoria e prática da Arte e do ensino de Arte

O objetivo da sistematização dessa formação continuada é instrumentalizar o professor regente, a quem cabe a responsabilidade de ensinar Arte ao aluno de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, para que possa promover um ensino de Arte de qualidade, consistente, efetivo, e que reconheça essa área como área de conhecimento.

Para tal, é necessário que o professor domine os conhecimentos em Arte requeridos nas diversas linguagens, seus objetivos de ensino e os métodos que podem ser observados quanto aos modos de ensinar. Essa construção de conhecimento, por parte do professor, deverá ter como base referencial o Referencial Curricular para a Educação Infantil, os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental: Arte, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas Tecnologias/Arte, além de toda a bibliografia de suporte nas diversas linguagens artísticas e as vivências necessárias para a sensibilização e o exercício, por parte do professor, dessas linguagens.

Lembrando Derdyk (1989), “Estar em formação implica uma postura criativa, seja qual for a natureza da atividade. Dentro deste prisma, não existem respostas para perguntas certas” (12). A autora prossegue: “A vivência, seja de natureza contemplativa, seja de natureza ativa, é condição para a nossa existência. (...) a instrumentalização do educador requer a vivência da linguagem (...). A vivência prática propicia ao educador muitas perguntas, confrontos, espelhamentos, delineando possibilidades expressivas (...)” (13). Indubitavelmente, o professor, como também qualquer outro profissional, não pode ensinar o que não aprendeu, o que não construiu de modo significativo em sua vivência. Esse espaço de formação continuada



pretende ser, sobretudo, um espaço de construção significativa de aprendizagens em Arte para o professor.

Cabe lembrar, no entanto, que, preferencialmente, o ensino de Arte, dada a especificidade das várias linguagens envolvidas, deve ser promovido por profissionais devidamente formados para esse fim, desde a Educação Infantil.

7.2. Sensibilização e vivência dos professores em linguagens artísticas

Ao mesmo tempo que se propõe um espaço sistematizado de vivência e construção de conhecimento em Arte voltado para os professores de Arte e os professores regentes de início de escolarização, com vistas a assegurar a qualidade do ensino de Arte a ser promovido para os alunos desse segmento do ensino fundamental, constata-se a necessidade de se criar espaços nos quais todos os professores possam experimentar as linguagens artísticas, seus elementos constituidores e possibilidades expressivas.

O objetivo dessas oficinas é, então, congrega os professores por meio das linguagens artísticas, sensibilizando-os quanto à importância desse campo do conhecimento para a formação do aluno. Reconhecida a relevância de programações dessa natureza, cada escola envidará esforços no sentido de propor oficinas voltadas para esse fim, de acordo com seus recursos humanos e infra-estrutura.



8. PROJETOS ESPECIAIS: ARTE, CULTURA E TRABALHO

No início de sua história, o homem produziu ferramentas com as quais pôde trabalhar. O trabalho diferenciou o homem dos outros animais, representando o passo inicial para a produção de cultura. A arte é uma forma de atividade humana que envolve o uso de ferramentas, seu domínio técnico e a rede de interações socioculturais na qual essa produção se dá. Podemos dizer que é uma forma de trabalho, cujo desenvolvimento demandou na formulação de linguagens, meios de comunicação e de expressão de necessidades e percepções de mundo. Linguagem supõe a construção coletiva de cultura, de significados e significantes para as ações humanas e, portanto, de interações entre indivíduos numa dimensão coletiva de produção de vida socializada.

Nos primórdios da civilização humana, a arte cumpriu a função de instrumento a serviço do homem no reconhecimento e dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais. Uma ferramenta imprescindível, portanto, ao coletivo humano em sua luta pela sobrevivência e instalação de grupo. E, ao que tudo indica, esse papel do fazer artístico não mudou muito ao longo dos milênios, a despeito das profundas mudanças tecnológicas, dos sistemas de organização social. O homem, em sua natureza essencial, permanece o mesmo e, embora tenha se organizado em tantas culturas e civilizações, em todas elas, coube às artes o papel de elevar o homem de um estado de fragmentação, na individualidade, ao estado de integração, no coletivo. Isso se deve à natureza da expressão artística (entendido aqui em suas dimensões material, sonora, ritualística, entre outras), ligada de modo direto ao que há de essencial e universal da condição de existência humana em toda a sua complexidade. O homem, indivíduo, localiza-se, por meio da arte, em relação aos outros homens, indivíduos, identificando os elos que os ligam desde a essência de sua humanidade.

Para Fischer (1981), “a arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade” (57). E essa transformação só é possível pelo trabalho: o trabalho que ressignifica as relações do homem com seu meio, estabelecendo elos, vínculos, redimensionando a existência humana.

Por isso, toda proposta em Educação deve considerar a inserção do indivíduo no mundo do trabalho. E as Artes oferecem, na sociedade contemporânea, um campo rico de alternativas de atuação profissional que concilia a dimensão estético-expressiva da ação humana com suas relações de produção na rede social.



Em se tratando das pessoas portadoras de deficiência, a possibilidade de interação produtiva, no âmbito dos fazeres artísticos, é de especial relevância, posto que, respeitadas as suas capacidades, aptidões, necessidades e aspirações, possibilitará o aumento de sua auto-estima e motivação na construção cotidiana de sua existência.

É orientação das Nações Unidas que seja assegurada às pessoas portadoras de deficiência a sua participação em atividades culturais, bem como oportunidades para fazer uso do seu potencial criativo, artístico e intelectual, não só para o seu benefício mas também para o enriquecimento de sua comunidade. Exemplo de tais atividades são a dança, música, literatura, teatro, artes plásticas, pintura e escultura, entre tantas existentes em todos os diferentes grupos culturais, de natureza tradicional ou inovadora.

No Manual de Arte Educação (Saldanha, et alii, 1999), os autores lembram que, no Brasil, a profissionalização da pessoa portadora de deficiência está apenas começando, e relatam, ainda, que no passado, a pessoa com deficiência foi focalizada apenas como tema na arte e na cultura. Foi a partir da década de 70 que ela passou a ser protagonista nesses campos, mas inicialmente de forma tímida. Nos anos 80, um verdadeiro movimento se alastrou pelo mundo inteiro mostrando as habilidades de pessoas portadoras de deficiência, que atuavam como artistas, dançarinos, músicos, atores, diretores, fotógrafos, escritores e outros. A década de 90 vem presenciando trabalhos artísticos de qualidade estética reconhecível, produzidos por pessoas portadoras de deficiência, que impressionam e emocionam o público em geral.

Atualmente, não só organizações profissionais específicas de artistas portadores de deficiência vêm se apresentando para diferentes platéias, mas também grupos informais, geralmente de instituições especializadas, se empenham em desenvolver e estimular habilidades artísticas de seus alunos e aprendizes. Num grande esforço, esses grupos estão aperfeiçoando seu trabalho, para provar que têm capacidade e habilidade, tanto quanto os artistas não-portadores de deficiência, buscando chegar mesmo a níveis de qualidade que lhes permitam competir e/ou trabalhar no exercício pleno de sua cidadania.

Ressalte-se que, em se tratando da profissionalização de pessoas portadoras de necessidades especiais, na Arte têm despontado profissionais de grande talento e sensibilidade, que conquistaram grande sucesso, apresentando espetáculos maravilhosos e com potencialidades que lhes dão condições para viver do seu próprio trabalho artístico. São exemplos que podem ser citados: Luís Felipe, ator de novela, portador de Síndrome de Down; os atores do filme *O Oitavo Dia*; Andrea Bocelli, cantor italiano, considerado sucessor de Pavarotti, portador de deficiência visual; Ray Charles, cantor, também portador de deficiência visual; Dayane de Oliveira, bailarina, portadora de deficiências múltiplas; a Banda Musical, composta por portadores de deficiência mental; Talca Chile, Companhia de Dança Roda Viva de Natal, formada por pessoas portadoras de transtorno motor, Síndrome de Down e pessoas não-portadoras de deficiência; Marcelo Cunha, artista plástico portador de tetraplegia, que pinta com a boca; Wellington J. Chagas Torres Júnior, artista plástico portador de paraplegia, criador de revista em quadrinhos; Denis, artista plástico,



portador de deficiência mental e transtorno motor, expositor no Museu do Louvre de Paris; entre tantos outros exemplos.

No que tange ao mundo do trabalho na relação com o universo das Artes, é bom lembrar que a atuação profissional pode estender-se para além da atuação enquanto artista. A sociedade contemporânea tem criado novos campos de atuação para os quais o conhecimento das linguagens artísticas tem muito a colaborar. Barbosa (1996) observa que o contato com a Arte é “essencial para várias profissões ligadas à propaganda, às editoras, na publicação de livros e revistas, à indústria dos discos e fitas cassetes” (31). Enfática, a autora afirma:

“Não conheço nenhum bom designer de publicidade que desconheça a produção contemporânea das artes plásticas, como não conheço nenhum bom programador visual de editora que não conheça a produção gráfica da Bauhaus, nem bons profissionais que trabalham em gravadoras que não conheçam música para melhor julgar a qualidade do som que estão gravando.

E na televisão? Todos os trabalhadores de TV, desde os produtores até o cameraman, seriam melhores se conhecessem Arte, porque estariam melhor preparados para julgar a qualidade e a propriedade das imagens (...).

Pensemos também na indústria têxtil, que desde a textura à padronagem, se enriqueceria com profissionais que conhecessem Arte (...).
(1996:31)

Acrescente-se aos exemplos citados pela professora Ana Mae Barbosa, todo o universo da informática e sua produção visual, todas as possibilidades envolvidas na produção teatral e musical, de espetáculos de dança, de vídeos, de cinema, entre outros. Ou seja, ao se pensar o mundo do trabalho na área de Arte, pode-se vislumbrar um campo bem vasto de atuação a ser conquistado pelas pessoas portadoras de deficiência, seja atuando na manifestação de seus talentos mais sensíveis e expressivos no exercício das linguagens artísticas, seja na atuação em atividades correlatas, de suporte aos fazeres artísticos.

É preciso conquistar espaços na direção da construção de uma sociedade que, efetivamente, tendo construído o respeito à alteridade, dê abrigo a todos os cidadãos que dela fazem parte, com suas diferenças, respeitando suas necessidades específicas, e assegurando igualdade de direitos e oportunidades.

Nessa medida, além do ensino de Arte, previsto no currículo escolar, do qual todos os alunos devem participar, deverá ter continuidade o trabalho de aprofundamento de diferentes linguagens artísticas que já vem sendo desenvolvido nas unidades das APAEs, e que pode ser apreciado nos festivais, além de se pensar em ofertas diversificadas que vislumbrem a ampliação das possibilidades de atuação profissional por meio da Arte.

A proposta de ação no campo de Arte, Cultura e Trabalho, para as unidades das APAEs, fora da organização escolar proposta pela APAE Educadora, conforme

demonstra a Figura 3, poderá estar organizado em quatro frentes: 1. aprofundamento das linguagens específicas, 2. espaço de vivência em Arte pela comunidade escolar e sociedade em geral, 3. Arte para a comunidade, 4. Arte e Trabalho e outras possibilidades identificadas pela instituição – APAE Mantenedora.



Figura 3 – Estrutura da Proposta Arte, Cultura e Trabalho – APAE Mantenedora

8.1. Aprofundamento das linguagens específicas

Essa linha de trabalho envolve as oficinas de aprofundamento das linguagens específicas, das quais fazem parte os alunos conforme seu interesse, sua afinidade com a linguagem, seu talento. São oficinas de aprofundamento, com carga horária ampliada, que devem ser ministradas por pessoas com formação específica ou conhecimento da linguagem trabalhada.

O objetivo do trabalho aí desenvolvido é assegurar ao aluno a possibilidade de se aprofundar numa linguagem artística, aperfeiçoando seus meios de expressão, os recursos técnicos. Nesse trabalho, a Arte é vivenciada como processo de produção, construção, tendo-se em vista, também, o resultado do processo e sua qualidade estética, de modo que as produções possam ser apresentadas em eventos, mostras, festivais, etc.

A oferta dessas oficinas estará condicionada, por um lado, aos recursos de que dispõe a APAE e a comunidade envolvente, tais como infra-estrutura, profissionais capacitados, etc., e por outro lado, às demandas de educandos e pessoas portadoras de deficiência e suas afinidades.



8.2. Espaço de vivência em Arte pela comunidade escolar e sociedade em geral

A experiência que já vem sendo desenvolvida por algumas APAEs tem demonstrado a importância de se assegurar a organização de espaços de vivência nas linguagens artísticas, das quais façam parte as pessoas portadoras de deficiência e a sociedade em geral, numa interação rica de criação e produção não só em Arte, mas de relações sociais.

Esses espaços não devem, a princípio ter a pretensão de produzir obras de arte para que venham a participar de mostras e festivais, muito embora, conforme decorra o processo e os resultados apontem para essa possibilidade, ela não deva ser descartada. O objetivo principal é a experimentação de linguagens artísticas num espaço de encontro entre pessoas portadoras de deficiência e pessoas não-portadoras, independentemente de apresentarem, ou não, talento para a produção em Arte.

Essas oficinas também deverão ser coordenadas e orientadas por profissionais com formação específica ou conhecimento das linguagens que venham a ser oferecidas.

8.3. Arte para a comunidade

Uma organização cujo projeto em Arte seja consistente passa a ser referência na produção artística que possa construir, bem como nas vivências em Arte que venha a propiciar. Nesse sentido, sugere-se que, tendo sido atendida a demanda dos educandos no que diz respeito ao ensino de Arte no processo de escolarização, às oficinas de aprofundamento nas linguagens artísticas, a APAE pode oferecer cursos e oficinas em Arte para a comunidade em geral, abrindo-lhe suas portas para que conheçam seu trabalho, conquistando aliados, além da oportunidade valiosa de ampliar os conhecimentos em Arte e poder expressar-se por meio de alguma linguagem artística.

8.4. Arte e trabalho

Conforme já foi apresentado anteriormente, é vasto o campo das possibilidades de inserção no mundo do trabalho pela via das Artes: desde o próprio exercício da linguagem artística, por meio do qual a pessoa portadora de deficiência possa tornar-se pintor, ator, dançarino, cantor, músico, entre outros, mostrando sua produção artística, até as tantas atuações com envolvimento direto ou indireto com as Artes, que envolvem os profissionais e técnicos das linguagens artísticas, da produção, da divulgação e circulação dos produtos de Arte, da preservação de acervos culturais, entre outros.

Sugere-se que, além da profissionalização na produção nas linguagens artísticas propriamente ditas, cada comunidade pesquise em seu contexto as possibilidades de atuação profissional em atividades ligadas às Artes, analisando possibilidades de inserção no mercado de trabalho numa perspectiva ativa, criativa,



participante, sensível. E, a partir desse mapeamento, que deve ser continuamente atualizado, propondo a formação profissional dentro e a partir do campo das Artes.

É importante não perder de vista que as Artes podem funcionar como eixo norteador das ações educacionais pedagógicas, como componente curricular desenvolvido na Escola da APAE, em interação rica com os outros campos do conhecimento, tanto no que concerne à escolarização, quanto no processo de integração dos seus alunos no complexo da rede social e suas relações de produção. Mas, para isso, é preciso que se dê ao campo das Artes a dimensão de conhecimento a ser construído, na produção, na apreciação, na contextualização histórico-cultural, superando, assim, a tendência ao trabalho fundado na reprodução de ações destituídas de significado para os alunos, que não passam de treinamento mecânico na produção de objetos de cuja concepção e criação os alunos não têm participação.

O ensino de Arte na Educação Básica como componente curricular desenvolvido na Escola da APAE e o trabalho em Arte voltado para a inserção efetiva do aluno em seu contexto, devem estar voltados para a dimensão cognitiva, afetiva e sensível. O aluno deve ter participação ativa e significativa de seu processo, como condição para que o conhecimento seja construído.

O direito do homem à Educação é direito à cidadania, assegurado na legislação, independentemente de gênero, raça, idade, classe social ou características físicas. A perspectiva de educação para todos, e do ensino de Arte de qualidade numa escola aberta para todos, constitui um grande desafio (GDF, 2000). Desafio para o qual podemos nos ferramentar de modo consistente, fundamentado, mas também sensível, expressivo, artístico.



CONCLUSÃO

Através de uma abordagem simples, mas humana, criativa e global, baseando-se em pesquisas e norteando-se na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Referencial Curricular Nacional, o grupo de profissionais que colaborou com a produção deste documento procurou apontar uma direção sem ser prescritivo e/ou autoritário, considerando a diversidade, sem anular o objetivo de almejar o desenvolvimento de saberes comuns.

Temos a certeza de que não esgotamos o assunto e nem tivemos essa pretensão. Queremos que esta proposta sirva de pesquisa e possa desencadear novas descobertas que somadas aos resultados aqui apresentados venham enriquecer cada vez mais a área de Artes nas escolas das APAEs de todo o território nacional. Não podemos esquecer a riqueza artística que já faz parte do Movimento Apaeano.

O ensino de Artes nas escolas das APAEs significa a existência de um espaço de estudo, pesquisa e reflexão sobre o trabalho escolar em Artes e sua importância.

Desejamos que nossa proposta sirva para mostrar principalmente as capacidades e potencialidades das Pessoas Portadoras de Deficiência e que nossa pequena parcela de colaboração traga uma contribuição a mais para o educador e para o aluno, pois quem tem a oportunidade de conhecer a arte, certamente terá uma vida mais significativa.

A arte significa a riqueza da própria vida.



BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo : Perspectiva, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília : MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte – 5ª a 8ª séries*. Brasília : MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil : conhecimento de mundo, volume 3*. Brasília : MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais : ensino médio : linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília : MEC/SEMT, 1999.
- DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. Porto Alegre : Scipione, 1989.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- FUSARI, M. F. R., FERRAZ, M. H. C. T. *Arte na educação escolar*. São Paulo : Cortez, 1992.
- FERRAZ, M. H. C. T., FUSARI, M. F. R. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo : Cortez, 1993.
- DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. *Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal : ensino fundamental – 5ª a 8ª série*. Brasília : Secretaria de Educação, 2000.
- MARTINS, Alice Fátima. *O desenho reproduzido e a formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental*. Brasília : UnB, 1997 (Dissertação de Mestrado).
- SALDANHA, Ana Cláudia et al. *Manual de arte educação : uma dinâmica para o desenvolvimento*. Brasília : Federação Nacional das APAEs, 1999.



A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA

O presente documento é resultado de conclusões de encontros, grupos de trabalho, reuniões com a participação de profissionais de arte que atuam nas APAEs, professores, consultores, coordenadores da área das diferentes instâncias do Movimento Apaeano, que em um esforço conjunto, socializaram suas experiências e conhecimentos para a construção de uma proposta que estabelecesse parâmetros nacionais para a organização das ações na área de arte para as pessoas portadoras de deficiências atendidas pelas APAEs.

Equipe de discussão e construção da proposta preliminar

Neimar Proença Oliveira – *Coordenador Nacional de Artes 99/2000*

Maria Aparecida Moura – *Vice-coordenadora Nacional de Artes*

Ana Cristina de Castro Teixeira – DF

Conceição Viegas – DF

Iara Pimenta Rodrigues – CE

Jacinta Fontes Guimarães – DF

Lídia Imaculada Bigoto de Oliveira – SP

Regina Maria do Nascimento – GO

Telma Falck Souza Lima – BA

Equipe de análise da proposta preliminar e contribuições

Alcione Franco – *Coordenadora de Artes – MG*

Anáisia de Araújo Batista – *Coordenadora de Artes – RN*

Ângela Maria Crescêncio da Silva – *Coordenadora de Artes – SC*

Antônio Sérgio Basto Brasileiro – *Coordenador de Artes – RO*

Elda Souza Lacerda – *Coordenadora de Artes – TO*

Elzira Benedita Malhado de Oliveira – *Coordenadora de Artes – MT*

Francisco dos Santos Marcos – *Coordenador de Artes – PR*

Gina Carla Luchini – *Coordenadora de Artes – ES*

Harry Cristian Muñoz Meneses – *Coordenador de Artes – SP*

Ione Josely Sousa de Assis – *Coordenadora de Artes – AP*

Iraquitânia Alves Bezerra – *Coordenadora de Artes – PB*

Maria Aparecida Pimenta da Rocha – *Coordenadora de Artes – MS*

Maria de Jesus R. Marques – *Coordenadora de Artes – MS*

Maria do Socorro Moreira D'Ávila – *Coordenadora de Artes – AC*

Maria Dolores Ferreira Bonfim – *Coordenadora de Artes – PI*

Maria Eulália Santos da Silva – *Coordenadora de Artes – AM*



Maria Neuza Viana Freire – *Coordenadora de Artes – PE*
Marilene das Dores Miguel – *Coordenadora de Artes – PA*
Patrícia Machado Dornelles – *Coordenadora de Artes – RS*
Viviane G. de Oliveira – *Coordenadora de Artes – SP*

Revisão final

Lídia Imaculada B. G. de Oliveira – *Coordenadora Nacional de Artes 2000*
Janice Furlan – SP
Harry Cristian M. Meneses – SP
Viviane Gonçalves de Oliveira – SP

Organização e sistematização

Alice Fátima Martins – *Professora Consultora*

Coordenação geral

Ivanilde Maria Tíbola – *Coordenadora Executiva da Federação Nacional das APAEs*

Brasília, junho de 2001

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs

Gestão agosto de 1999 a julho de 2001

Diretoria Executiva

Presidente	Flávio José Arns / PR
Vice-presidente	Seme Grabriel / SP
1ª Diretora-secretária	Maria de Fátima Liegio / GO
2ª Diretora-secretária	Maria Luíza Dadalto / ES
1º Diretor-financeiro	Alexandre Guedes Seixas Maia / DF
2º Diretor-financeiro	Zely Ornellas de Souza / DF
Diretor de Assuntos Internacionais	Elpidio Araujo Neris / DF
Procurador-geral	Elpidio Araujo Neris / DF
Autodefensores	Waldinéia Olímpia F. Ramos / DF Rodrigo Marinho Noronha / DF

Conselho Fiscal

TITULARES	SUPLENTES
José Justino Filgueiras A. Pereira / PR	Antônio Lazáro de Moura / RO
Luiz Alberto Silva / SC	Pe. Luiz Zver / MG
Expedito Alves de Melo / MA	João Porfírio de Lima Cordão / PI

Conselho de Administração

Paulo Roberto da Silva Abreu / AM	José Diniewicz / PR
José Américo Silva Fontes / BA	Tereza Lúcia Baptista Andrade / PE
Maria Lindezi Lima / CE	Maristela Lina de Andrade Ribeiro / PI
José Lemos Sobrinho / ES	José Cândido Maes Borba / RJ
Dea Valéria Gaynor da Fonseca / GO	José Aumério da Silva / RN
Isabel de Carvalho Magalhães / MA	Bernadete Maciel Seibt / RS
Doracy Gomes Nonato / MT	Madalena Penha de Moura / RO
Claise Kleemann / MS	Aldo Brito / SC
Eduardo Luís Barros Barbosa / MG	Lair Moura Sala Malavila / SP
Laura Rosseti / PA	James de Oliveira Lages / TO
Francisca Evelina Maroja Lima / PB	

* * *